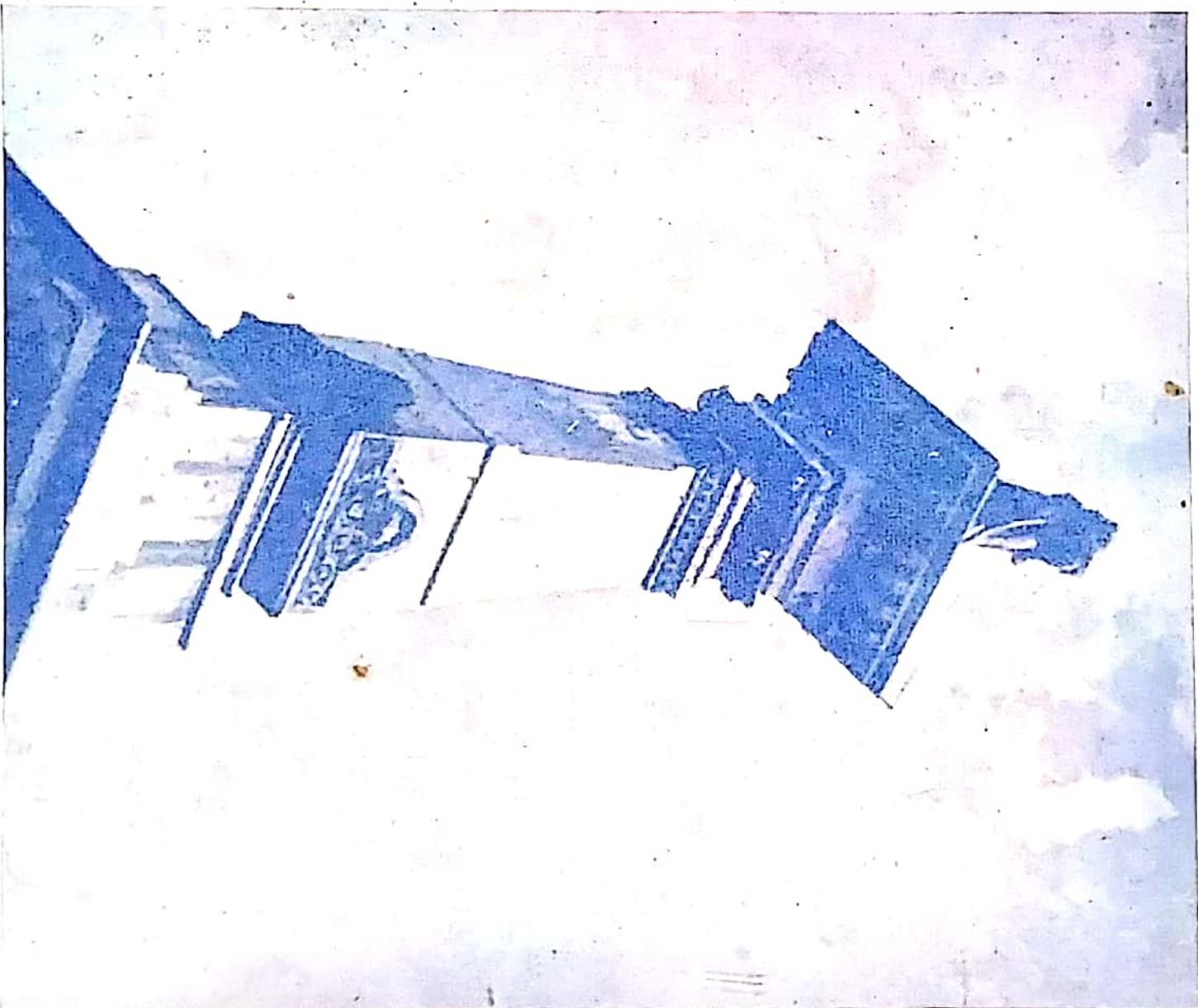


Colmeia

ORGAO DOS ALUNOS DO INTERNATO DO COLEGIO PEDRO II



ABRIL - SETEMBRO DE 1947 Cr\$ 2,00 ANO III — N.º 4

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO

"A escola, a maior descoberta que jamais fez o homem". — HORÁCIO MANN.

"Mogos! A ineptia nos chamou de estúpidos". — CASTRO ALVES.

A Liga pro-Educação e Fraternidade, a Sociedade Brasileira de Educação Extra-Escolar, a Biblioteca Falada e a campanha de alfabetização de adultos, criadas, respectivamente, pelos professores Newton G. de Barros, Benjamin do Lago, Francisco Manoel Brandão e Lourenço Filho, surgiram da compreensão de que os problemas fundamentais de nosso país se derivam naturalmente da falta de orientação e educação do povo.

Os cidadãos desses movimentos são antigos professores, que sentiram, desde cedo, a necessidade de educar, ao invés de dizer que o povo não tem educação.

Mas o idealismo puro que brotou do coração deles tem esbarrado com os resíduos de nossa última formação política, melhor seja dizer da ditadura, que nos transplantou para o absolutismo dos tempos modernos. Muitos moços ainda não vibraram com a significação social desses empreendimentos. É uma verdade.

Entretanto, há em nosso país uma quantidade notável de jovens, a quem nunca faltou entusiasmo, que estão exultando com a execução dos projetos traçados pelos eminentes educadores.

A Liga pro-Educação e Fraternidade, coliga, em um ano apenas conseguiu alfabetizar e mostrar o caminho da virtude a dezenas de brasileiros.

O programa educativo de Benjamin do Lago transformou o nosso Rádio, durante o ano de 1946, em verdadeiro veículo de educação e cultura. A Sociedade Brasileira de Educação Extra-Escolar, criada pelo mesmo professor, já deu provas sobejas do mérito e do valor das convicções idealistas. A Biblioteca Falada inaugurada no centro-norte de Castro Alves, já incentivou e desenvolveu uma campanha educativa, jamais vista no município de Iguaçu. E a campanha de alfabetização de adultos, dirigida por Lourenço Filho, em dois meses apenas, já imprimiu meio milhão de cartilhas, para ensinar o povo a ler. E, nas fileiras dessas instituições, há um lugar vasto que vos espera. Lembrai-vos de que há 12 milhões, seguramente, de analfabetos adultos no Brasil.

O nosso Colégio já possui um curso de alfabetização, com 20 alunos, onde ensinamos a significação da família e do trabalho, os deveres e os direitos dos cidadãos num regime democrático, a importância de nossa constituição, do voto e, entre outras coisas, a *profilaxia contra as doenças mais comuns*, procurando sempre despertar-lhes as virtudes cívicas brasileiras, incentivando-lhes o culto da Liberdade.

Educando pela palavra e pelo exemplo, educando-nos também. Mas, se não tivermos o apoio de todos estudantes e homens livres de nosso país, é claro, esses programas não poderão atingir, integralmente, os objetivos a que aspiram. E, por tudo isso, pedimos a vossa colaboração. Pela imprensa, pelo rádio, em reuniões e em toda parte, lutai pela educação do povo, que estareis lutando pelo Brasil!

Leodegário Azevedo

Castro Alves e o verso Alexandrino

Professor QUINTINO DO VALLE

Como sabe quase toda a gente, o verso de doze sílabas proveio da França. Recebeu o nome de alexandrino porque foi usado no *Roman d'Alexandre le Grand*, composto por um trovador do século XII, Alexandre de Paris, ou de Bernay. Resistiu ao século XVI, Pierre Ronsard, o mestre da pléiade, dizia-lhe as regras e conquistou para ele a estima dos poetas franceses. E hoje é tão nobre no Cid, de Camille, como nas estrofas harmoniosas de Lamartine, tão modesto nos poemas eruditos de Leconte de Lisle como nos canções épicas da *Légende des Siècles*.

Quando começou a ser cultivado em nossa língua o alexandrino propriamente dito? Na sua *Notícia sobre M. I. da Silva Alvarenga*, aquela que precede as *Obras Poéticas* do esmerado autor de *Glaura*, informa Joaquim Norberto: "São escritas (as epístolas) nos supostos versos alexandrinos que éle e Basílio da Gama procuraram introduzir de novo na poesia portuguesa, e em cujo empenho se esforça ainda hoje o talento do exímio poeta o Sr. A. F. de Camillo, mas com pouco fruto, por isso que jamais passaram de dois versos de sete sílabas enfileirados na mesma linha".

Parece que Joaquim Norberto conhecia por alto a produção de Castilho: ignorava provavelmente que éste, no seu *Tratado de metificação*, ensina muito bem a estrutura do alexandrino e apresenta, para exemplificar, um soneto seu, concludentemente lavrado já no ano de 1853, aduzindo em seguida estas considerações: "Depois que nós, por instigamento convictos do préstimo e das excelências dos alexandrinos nos entregamos desenganada e abertamente ao seu granelo e sucessivo aperfeiçoamento em português, muitos dos nossos mais bem nascidos poetas o tomaram também a si e o têm já na verdade subido a grande altura, sendo já hoje fácil prever que dentro em pouco esse metro, que tanto se conchegou à elegância da frase e do estilo, ha de pleitear cusadamente preferências ao nosso velho heróico, apesar da presença da sua posse, até o deixar afinal, não dizemos destruído, nem o desejamos, mas quando menos suplantado".

Quanto a Silva Alvarenga e Basílio da Gama, tem razão o illustre polígrafo em reprovar-lhes os tais "dois versos de sete sí-

labas enfileirados", os mesmos a que José Veríssimo, também com alguma impropriedade, põe o nome de alexandrinos de treze sílabas. Para maior clareza orientem os meus jovens leitores nesta sequência irregular e sensabor pertencente a uma das epístolas:

- 1) Da formidável hi/dra as serpas enxocca- [dam
- 2) Feliz Europa viu / dum golpe decora- [dam
- 3) E em vão ainda o cor/po, que a negra [morre abraça,
- 4) Brota frouxas cabe/gas, que talha ber- [cúleo alonga.

Temos: 1) alexandrino com os hemistiquos aglutinados fônicamente em *dra as* = *dras*; 2) alexandrino com os hemistiquos justapostos; 3) hexassílabo grave + hexassílabo grave iniciado por consoante, num total de 13 sílabas, concludas até a última tônica; 4) idem, idem.

Não o preciso portmoteizor. Escrevo para estudantes que desde a segunda série ginasial se vêm familiarizando com a métrica. Leiam em voz alta, pousadamente, os quatro versos, e o ouvido lhes garantirá que os dois últimos desicam. É que realmente carece de ellello musical o falso verso de treze sílabas onundo de um éro de observação.

Será acertado dizer, para atenuar a imperícia de alguns poetas, que é intenção essa mistura desadmirada? Um estudo relativamente fácil provará que quase todos élas cedo ou tarde perceberam o erro e tentaram de corrigi-lo.

O *genus irritabile vatum*, nem sempre chega ás mãos de poltronistas quando a morte, e, se o faz, é não raro com distorções indáveis, que mais lhe denunciam a vaidade. Vale a pena lembrar os dois artigos que o poeta português João Penha submele ao título viscoso de *Questão literária*, consilios de livro de prosa *Por montes e vales*, editado em 1899. Históricamos o caso, rapidamente:

Em juízo crítico acérrica dá *Viagem por terra ao país dos sonhos*, do mesmo João Penha, o conhecido lexicógrafo e homem de letras Cândido de Figueiredo, seu contemporâneo (Continua na pág. seguinte)

NOSSA CAMPANA

(Fotografia do colega Marcello de Queiróz Varella)

O monumento erguido, em Ouro Preto, à Tiradentes é extraordinariamente belo. Parece mesmo que se levanta, da terra para os céus, numa apoteose de glória, simbolizando todo o idealismo da Inconfidência.

Ali, naquele mesmo lugar, "em poste de ignominia, estivera exposta a sua cabeça". Ali, naquela Terra, o glorioso mártir de nossa independência política plantou a semente de nossa nacionalidade. Ali, naquele solo que hospitaleiramente

nos recebeu, fôra selado, em 1789, o destino do Brasil.

Bastaria a recordação do sentimento e do entusiasmo do herói de Minas, melhor será dizer de todo o Brasil, para que nossas almas, num transbordamento cívico, caíssem genuflexas aos pés do monumento, que bem representa, pela grandiosidade, o coração de Joaquim da Silva Xavier. E quando erguemos nossos olhos para o cume do gigantesco bloco de granito, uma formidável nuvem branca, pairando nos céus, parecia coroar-lhe com as bênçãos do Infinito.

Castro Alves e o verso Alexandrino

patrinhola, mostrou que o senete Moribunda tinha versos errados: "Pena é que o poeta, seguindo os novos, não consagrasso à leitura dos alexandrinos o cuidado que as boas regras poéticas recomendam". O autor censurado emenda Moribunda, que publica no *Repórter*, o jornal ou periódico em que veio a censurar, mas não se dá por vencido: "Desta feita, porém, isto é, da leitura e quase imperceptível transformação por que fiz passar este soneto, não deve concluir-se de maneira alguma que reconheci que havia ou que reconheço que há na primitiva Moribunda a mais insignificante irregularidade: transformei-o por consequência, e para dar gosto ao meu Irrequieto amigo". E por aí vai, despedido, depressivo, contraditório, o poeta a quem generosamente chamava mestre o mais belo parnasiano de Portugal, o nosso primo Gonçálves Crespo. Para João Penha o dodécassílabo pode ser "constituído de grega ou a romana" e o alexandrino como aqueles que enxartou em Moribunda: o Larousse é "um repostório de asneiras", porque "uma colcha é silaba, outra colcha pé", os romanos abandonaram pelo hexâmetro o alexandrino, que Alexandre de Paris não examinou devidamente, tanto que "o transformou em verso de dois de seis sílabas, junjados dois a dois, cu' grudados um ao

outro". E, para demonstrar que o seu dodécassílabo é melhor, porque é português, menospreza a lição de Casillho, lealciato em 1875, e chama-o "o terreiro" em 1899. Sim, porque o outro, o francês, é artificial, repudiável, retardado, acelerado, torçura, dá sono, o ditado... Velina que tralhada. Não é só. O discolo entende que Michélet escreveu em prosa os seus poemas por não "falar semelhantes versos, em monótes dos quais, nuds indigestaque moles, Vitor Hugo, o da decadência, jaz altamente sepulto". Tudo porque Vitor Hugo tén alexandrinos de verdade.

Para não tomar espaço de mais a Calmeia, deixo de transcrever na íntegra as duas formas do maldorndo soneto molivador dessa impudável *Questão literaria*, em que, depois da Candido de Figueiredo, se interessaram outros intelectuais, lustigando o exasperado autor de Moribunda. Basta o primeiro verso para mostrar daquilo que o poeta pretendia impingir como "alexandrino lusitano, essencialmente artistico:

No grande leito ebúrneo, macilenta a face
São doze sílabas métricas, mas o primo hemistiquio está em xifofagia com o segundo, e com certeza não resistira à operação...

(Continua na pág. 191)

COLMEIA

Colmeia

ORGAO DOS ALUNOS DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II

ABRIL - SETEMBRO DE 1947

ANO III - N.º 4

COLMEIA
Ciência - Literatura e Arte

Diretor Responsável:
PROF. JOSÉ CURVELLO DE MENDONÇA

Diretor Geral:
Leodegário A. de Azevedo F.º

Diretor de Publicidade e Redator-Chefe:
José Yosan dos Santos

Secretário:
Rui Ramos

REDAÇÃO:
Campo de S. Cristóvão, 177
Fone 28-0187 ou 48-8083
Registrada no D. N. I sob o n.º 35-240

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas de "Jornal do Brasil".



A escola — um núcleo de colaboramentos. A imprensa — um veículo de educação. A escola e a imprensa — duas coisas rennidas — uma coisa perfeta.

Colmeia — um projeto e uma vitória. Colégio Pedro II — uma glória intelectual do Brasil.

É no seio da mocidade que sempre cristua, e cristivá, conflua e entusiasmo. A honestidade, o sentimento cívico e a sensibilidade social não sobem de outros corpos mais ardorosos — senão a dos moços. O desinteressar e o ideal — que não vivem separados — são duas causas de milhães de efeitos concretos: Mocidade, escola e imprensa — três coisas rennidas — o que a Brasil precisa.

A escola é centro de cultura e educação. Único lugar digno da mocidade viver, esperançosa, idealista. E a imprensa ai é com por cento imprensa. Fôra daí, não sobemos...

Moços sem escola e escola sem imprensa — um crime social.

É a nossa opinião.

E... Guarde sempre na memória

PNEUS ? Só na CASA VICTÓRIA

Rua do Catete, 172 — Telefone 25-5580

POSTA RESTANTE

LIVROS NOVOS

"Seu" João é uma figura simpática do Interior Pedro II. Modesto funcionário do antigo Estabelecimento de ensino, o "seu" João é muito estimado pelos professores e funcionários. A simpática dos estudantes con- segue o nosso amigo através do seu entusias- mo. E' dele a frase: "Esperamos que o Brasil seja no futuro o baluarte da grandeza e do progresso, graças ao idealismo dos estudan- tes."

Está em pleno funcionamento o Curso de alfabização de adultos do Interior do Co- legio Pedro II, sob a direção de Leodegário Azevedo e Waldemar Dutra.

Por ocasião do aniversário da nosso co- lega Iyram Carneiro Pralre, todos os seus co- gârneiros de humra compareceram a sua re- sidência, prestando-lhe uma manifestação sin- cera de apreço e admiração.

Os colegas Alceu Correa e Castro e Ju- rany Duque Cezar receberam, por ocasião de seus aniversários, muitas felicitações de seus amigos. E isto sem nos esquecermos dos bolinhos de uma vela que o Iyram lhes deu de Presente...

O Dr. Haroldo Lisboa da Cunha exerce, atualmente, o cargo de Diretor do Ensino Se- cundário.

Aguardamos, tranquilos, provas experi- mentais da confiança e do otimismo, verda- delhamente leibnizianos, que tanto caracte- rizam as aulas do nosso Prof. de Matematica.

O Pedro II está triste e a Secretária Ge- ral de Educação e Cultura com razões justas de satisfação.

O prof. Clóvis Monteiro, como foi ampla- mente noticiado, deixou o Estabelecimento que dirigiu durante 6 anos, para tomar posse do cargo que lhe foi confiado pelo Prefeito- Angelo de Moraes. Desçjamos êxito e felicida- de ao nosso ex-diretor.

A LITIA NAO ESTA TAO LONGE — é um li- vro novo, livro de leituras novas, livro para os no- vos! Apareceu e triunfou pela delicadeza do estilo e da história.

Em verdade, quem ler o livro de Fábio Cavalcanti, um de nossos mais jovens escritores, tem a impressão de que, realmente, a lua está um pouquinho mais próxima!... e lembrar-se-lá, tal- vez, pelo lirismo do título de Vicente de Carvalho, imaginando a felicidade uma "Árvore milagrosa toda arreada de dourados pomos", e concluindo que ela:

"existe sim; mas nós não a alcançamos porque está sempre apenas onde a pomos e nunca a pomos onde nós estamos."

Fábio Cavalcanti, porém, parece ter encontrado esta "árvore toda arreada de dourados pomos..."

O SEXTO N. I. EXPEDICIONARIO

O Sexto N. I. Expedicionário é um retrato li- terário do heroísmo brasileiro na campanha de- cisiva da Itália.

Ninguém, interessado em fontes bem informa- das e fides para o estudo da última guerra, pod- rá ignorá-lo.

É mais uma contribuição patriótica do Capi- tão Antonio Francisco da Silveira, além de sua atuação na Itália, a publicação desse magni- fico livro.

A DIREÇÃO PROVISORIA DO INTERNATO

Convidado o Prof. Clóvis Monteiro para a Secretaria Geral de Educação e Cultura, passou a responder pelo Internato o Diretor do Externa- to do Colegio Pedro II — Prof. Cildásio Amado.

A sua atuação foi magnífica. Este pre- sente das Casas, orientando e dirigindo, com li- cura e brilho. E apesar das dificuldades que acom- panham a direção de dois estabelecimentos o in- cílio mestre, ainda assim, dispensou especial aten- ção aos trabalhos dos alunos, amparando com pa- lavras sinceras as nossas iniciativas, e auxilian- do-nos em tudo!

CURSO NACIONAL DE CHEFFES ESCOTEIROS

O Escotismo brasileiro, em julho de 1947, rea- lizou um Curso Nacional de Cheffes, com os mais nobres objetivos, em Itatiaia. Com o Pedro II hospedar por algum tempo, cheffes de diversos Es- tados brasileiros, o que foi feito com satisfação em nosso Colegio, já de tradicional liberalidade.

Assim, numa saudeação feita aos Cheffes de quase todos os nossos Estados, um aluno salientou: "Este é para nós um momento de glória. E como se o Pedro II acolhesse, entre suas paredes de mais de um século, o Brasil inteiro!"

GUIA PARA CRIAR O BEBÊ

Puericultura elementar, obra do Prof. Martinho da Rocha, um dos maiores sucessos de livreria. Um livro que deve estar a cabeceira do leito de todas as mães brasileiras. Um vo- lume ilustrado, em brochura. — Preço Cr\$ 80.00. Ed. Zélio Valverde S. A. — Travessa do Cuvidor n. 27 — Rio de Janeiro

COLMÉIA

BACTÉRIAS

DARCY DE ASSIS

De tamanho microscópico mas de grande im- portância para a humanidade, destruindo-a ou auxiliando-a, são as bactérias.

As bactérias, também chamadas esquizocer- las, são vegetais aclorofilados sem orgão visíveis a vista de grandes aumentos. Vendo como para- sitos, saprófitos, comensais ou ainda em simbiose. Podem encontrar-se em todo o mundo orgânico, inclusive nas cavidades naturais do corpo hu- mano.

Multiplicam-se por cissiparidade ou por es- porulação.



Streptococcus entre células epiteliais

Estes microscópios vegetais, que para serem vistos necessitam ser aumentados cerca de mil vezes, podem adquirir o mais gigantesco ser. Seja verde forte ou fraco, alto ou baixo, gordo ou magro, nunca estará a salvo destes minúsculos assassinos.

Há séculos a humanidade combate estas des- truidoras de vida. A princípio, cegamente, mas graças a Invenção do microscópio e ao grande sabio Louis Pasteur conseguiram os discípulos de Hipócrates lutar-se de armas para exterminá-las.

Mas nem todas as bactérias são maléficas. Muitas delas prestam auxílio inestimável ao ho- mem realizando os mais complexos fenômenos da química biológica, tais como: fermentações, que sem seu auxílio, jamais seriam executadas. Há ainda aquelas que adubam o solo fornecendo-lhe o Nitrogênio de que as plantas necessitam, rea- lizando o trabalho de milhares de quilos de salitre. Quanto a sua morfologia, embora variada, pode ser classificada em 3 grupos, que divergem de acordo com os autores. A que julgamos mais satisfatória é a que aí segue:

1.º) Formas arredondadas — coccus (figura 2)

- a) micrococcus — coccus isolados
- b) diplococcus — coccus dois a dois uns apre- sentam-se como dois filhotes que se ante-olham (Gonococcus).
- c) tetracoccus — quatro coccus, formando um quadrado.
- d) sarcinas — oito coccus formando no plano dois quadrados superpostos, estereometricamente um cubo.

- e) streptococcus — coccus formando cadeia.
- f) diplostreptococcus — cadeia de strepto- coccus.
- g) staphylococcus — coccus em cacho.

2.º) Formas alongadas em bastonetes de extremi- dades curvas ou retas — bacillus (figura 3)

- a) diplobacillus — bacillus dois a dois.
- b) streptobacillus — bacillus em cadeia.
- c) diplostreptobacillus — cadeia de streptoba- cillus.

3.º) Formas filamentosas espiraladas (figura 4)

- a) leptotrix — filamentos não ramificados.
- b) cladoitrix — filamentos ramificados.
- c) spirillus — espirais rígidas.
- d) spirochaetas — espirais filamentosas.
- e) vibrio — segmento de espiral.

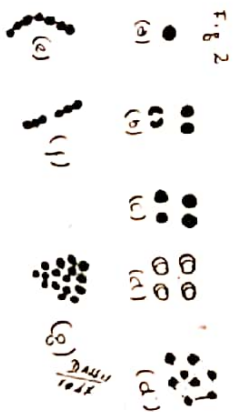
Em consequência do meio podem mudar de forma, chama-se a esta propriedade pleomorfismo. Quando as condições do meio são ruins para as bactérias estas tomam formas de resistência denominadas cistos, estas podem ser alfinete e varela.

Segundo o modo de respiração podem clas- sificar-se em:

Aeróbias — as que utilizam, para sua respi- ração, o oxigênio livre ou dissolvido nos líquidos.

Anaeróbias — as que se utilizam do oxigênio indiretamente. Isto é, da matéria orgânica em decomposição.

Muitas espécies ora são aeróbias ora anaero- bias, as chamadas facultativas.



De acordo com a presença ou ausência de um grânulo chamado bacterio-purpurrinum podem as bactérias dividir-se em:

Tribobactérias — as que possuem bacterio- purpurrinum.

Eubactérias — as que não o possuem.

As bactérias causadoras de moléstias são de- nominadas patogênicas. Como exemplos temos:

Pneumococcus — (Streptococcus lanceolatus) Causam a pneumonia, tem o aspecto geral de

Abri - Setembro, 1947

Diplococcus ecausaloides em muco. Podem-se encontrar na saliva, muco nasal, etc... Os pneumococcus também podem apresentar-se em número de 4 ou 8. Estes tipos foram observados no Colégio Pedro II Interno, em lâminas preparadas com saliva de alunos.

Gonococcus — São diplococcus que tem a forma geral de dois carotos de feição que se ante-olham. Agente causal das blenorragias.

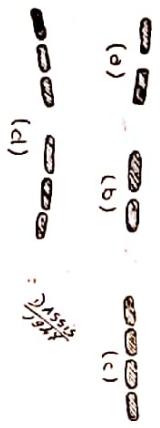
Streptococcus — Encontrados nos locais em que haja infecções, muco nasal, etc... Forma geral dos streptococcus — Estes tipos foram observados e fotografados no Colégio Pedro II — Interno (Saliva de alunos).

Microbacterium tuberculosis — Esta bactéria já causou mais vidas do que todas as guerras. É o agente causal da tuberculose. Tem o aspecto fiforme muitas vezes ramificado.

Eberthella typhosa — Causa da febre tifóide.

Bacillus anthracis — Causador do carbúnculo.

Tetanus pallidum — Causador da sífilis. É um espiroqueta. É o responsável pelos dilatares de aedeidos, cegos e doídos existentes no Brasil.



Spirocheta gallinarum — Agente causal da espirose aviária que ataca as galinhas, sendo transmitido por um carrapato (ex.: Argas persicus).

Bactérias úteis:

Causam as fermentações — Como exemplos:
Micrococcus ureae — Bacillus amilobacter, etc...
 Temos ainda as bactérias que nutrem o solo e que se destacam por poderem assimilar o carbono diretamente.

OBSERVAÇÃO DAS BACTERIAS AO MICROSCÓPIO

Para serem observadas ao microscópio requerem as bactérias de técnica especial.
 Distribuído o material a ser examinado na lâmina a operação seguinte consiste em cortar o preparado.

Antes de cortar fixamos pelo calor o material secando-o. Após isto derramamos a solução de violeta de Genciana sobre a lâmina, onde per-



manece durante dois minutos; lava-se e aplica-se a solução lodada (Luogo) também durante dois minutos. Afinal o preparado é dessecado por imersão do alcool-ectona, lavando e recebe uma aplicação de fixação que permanece por dois minutos e é secada ao fogo.

Após isto pode a lâmina ser observada ao microscópio com imersão homogênea (ver Colmeia n.º 3).

A imersão homogênea no microscópio Bausch & Lomb permite um aumento de 970 diâmetros (Ocular 10 x, objetiva 97 x).

Outro grande auxiliar da bacteriologia é a microfotografia. Trabalhos de microfotografia vem sendo realizados com grande sucesso no Colégio Pedro II — Interno pela turma do 3.º curso sob a orientação do professor José Curvello de Mendonça.



Fig. 5

Gracas a todos estes modernos aperfeiçamentos consegue a glêndia combater com exito estes minúsculos destruidores de vidas.

Será fácil concluir, após estas considerações, a grande importância do estudo das bactérias para a humanidade.

Senhora, apreze nas modernas vitrinas das

LOJAS MACHAENSES

o que esta Casa lhe oferece de belo para o seu vestuário.

RUA S. LEIZ GONZAGA, 43-A

Aspectos do pensamento brasileiro

(Trecho de uma conferência realizada no Departamento de "Estudos Hispânicos" da Columbia University em 1945).

PROF. EURVALDO CANNABRAVA

A evolução do pensamento, da literatura e da arte brasileira indica as tendências fundamentais do nosso povo, os traços mais característicos do espírito nacional. A própria história da nossa língua, isto é, da língua portuguesa no Brasil, reflete, através de sua estrutura morfológica, a combinação de elementos e fatores que revelam a natureza da alma brasileira. Esse estudo da língua, cuja evolução se confunde com o desenvolvimento da literatura, ainda não foi feito pelos críticos e filólogos brasileiros, geralmente separados por pontos de vista divergentes na apreensão do fenômeno estético. Qualquer que seja a opinião a se adotar sobre tais temas, parece certo que o caráter brasileiro está muito mais presente na arte, na poesia, na linguagem e na cultura em geral, incluindo-se naturalmente as criações do folclore e da imaginação popular, do que em certos acontecimentos políticos que impressionam exclusivamente o estrangeiro, quase sempre mal observador da realidade regional.

É esse o motivo por que as instituições, como esta, em que os alunos aprendem a conhecer a literatura na própria língua original, estudando a poesia, o romance, a música, a ciência e a filosofia brasileira tornam a nossa verdadeira índole psicossociológica mais acessível, através de suas raízes básicas. Seria aconselhável, entretanto, a realização de um curso que proporcione, aos alunos interessados na pesquisa da realidade brasileira, uma espécie de quadro vivo do desenvolvimento histórico das ideias em meu país. Esse quadro poderia ser contraposto ao painel já traçado pelo meu seguro de Vernon Parrington a propósito dos Estados Unidos. Acrescento, apenas, que seria interessante ampliar o campo de observação além de abrangere a literatura, a arte, a economia, a política e a filosofia.

Passo falar com licença sobre a necessidade de um curso dessa natureza por dois motivos diferentes. Em primeiro lugar, porque não assumiu nunca a responsabilidade de professor, pois me faltam os conhecimentos fundamentais para cumprir essa tarefa. Em segundo lugar, porque a importância e a significância de uma tal iniciativa ressaltam por si mesmas, dispensando qualquer argumentação para justificá-las. Pretendo, apenas, no decorrer dessa palestra esboçar um programa de trabalho e de investigação crítica que outros seriam, mais dotados, poderiam empreender.

Seria interessante, por exemplo, iniciar o ensaio pela pesquisa da influência das ideias românticas sobre a cultura brasileira. O movimento romântico parece, mais fecundo e mais sugestivo do que o classicismo, pelo menos sob o ponto de vista do Brasil. As ideias clássicas se restringiram ao domínio da lite-

ratura, enquanto o romantismo extravasou os quadros propriamente literários ou estéticos para se tornar uma tendência do espírito nacional, exercendo profunda influência sobre a estrutura da língua brasileira.

Colocidui com o surto das ideias e concepções românticas, uma necessidade incoercível de autonomia, a cristalização da nossa consciência política, a difusão de um estilo nacional na literatura e nos costumes e nas instituições sociais. Nos romances de José de Alencar, na poesia de Gonçalves Dias, e mais tarde, no lirismo impetuoso e desordenado de um Castro Alves sente-se o efeito da liberdade romântica estreitamente associada ao sentimento de independência e de valor individual.

O tema do índio e do negro assume as características de reivindicação social, embora atenuada, sobretudo em Alencar e Gonçalves Dias por um sentimentalismo difuso e pouco inclinado a se concretizar em qualquer forma de atividade prática. A presença do índio e do negro na literatura nacional representa, entretanto, uma espécie de surto de forças indisciplinadas que agitam no subsolo da comunidade. Na linguagem poética de Gonçalves Dias, ainda impregnada de descrição e gosto classicos, a fidelidade ao tema indianista se traduz, às vezes, através de versos que tem o perfume das nossas selvas e o colírio dos nossos crepusculos luminosos e o sabor da fruta alvorece dos nossos campos desabitados. Em Castro Alves a poesia adquire um sentido de reivindicação social absolutamente claro. Sente-se que o poeta brasileiro pretendeu por o seu lirismo turbulento a serviço de uma causa — a causa do negro escravizado. Já na poesia de Tobias Barreto, contemporâneo de Castro Alves, o sentido social quase desaparece para ceder lugar a uma nota intimista que está longe de se equiparar ao lirismo do cantor dos escravos.

A figura de Tobias Barreto interessa-nos, entretanto, por outro aspecto. Nele a poesia romântica pode coincidir com um materialismo não desabusado e irreverente no terreno das ideias. Trata-se de um filósofo, imbuído de ciência fernandesa, que revolucionou as ideias jurídicas no Brasil e que ainda exerce certa influência através de seus remanescentes da celebre escola de Recife. Os ideais filosóficos de Tobias Barreto não são Kant ou Hegel, como seria natural no seu tempo, mas Haeckel, Buechner e Noire.

O movimento naturalista e uma espécie de credo religioso dos representantes da escola de Recife. O entusiasmo de Tobias Barreto pela Alemanha não era puramente literário, pois se manifestava através de um jornal editado na língua germanica e de inúmeras

(Conclue na pág. seguinte)

Apesar de os rios brasileiros terem o curso dirigido do litoral para o interior, esses cursos só foram aproveitados para penetrações esporádicas das exploradoras em busca do ouro.

Durante todo o Império e a República parece que os brasileiros nunca pensaram em aproveitar a navegação fluvial intensiva. Talvez tenha sido melhor que o nosso hinterland tenha permanecido no sepulcro até hoje pois os sistemas selvagens da quicena das nossas matas ainda perduram e graças a pouca exploração desse hinterland ainda possuímos a mais exuberante flora do mundo.

Dentro da desvantagem do povoamento mal feito nessas terras existe a floresta que é motivo de orgulho para nós...

A-pesar do centro do continente sul-americano ter sido explorado antes do do norte-americano, nada impediu que esse o tivesse povoado e aproveitado o imenso potencial do Mississipi enquanto que nós continuamos a nos orgulhar de sermos o "país do futuro".

Com todos os 25000 km. de rede navegável, a bacia amazônica é, aliada, a menos navegada do mundo. Por ser a única estrada de rio, jamais alguém se interessou em construir rodovias nos planaltos Guiano e Mato-grossense. Se essas rodovias não se tivessem para melhor aproveitamento dessas regiões serviriam para o turismo, já que estão querendo transformar o Brasil em país de turistas.

Se o Amazonas e seus afluentes são pouco navegados, devemos atribuir esse defeito à prola Amazônia. Como explorar a floresta ainda em estado latente? É um problema difícil pois só companhias com um capital enorme poderiam arriscar-se numa empresa dessa magnitude. São artigos de porte gigantesco, são madeiras às vezes duríssimas e raras, se encontram florestas de Jequitibás, de cedros, de gembippos, de heveas ou de castanheiras.

Esses milhares de espécimes vegetais acham-se incriveavelmente misturados e reparados uns dos outros por pantanos, por espinheiros e por cipós gigantescos que se entrelaçam nos espaços que deveriam ficar vazios. Isso sem contar milhares de insetos, animais ferozes e outras surpresas não menos desagradáveis. Manaus é uma grande vitória do homem brasileiro contra essa natureza bela e exuberante, mas ingrata e traidora.

Nosso defeito maior é o de desvirtuar as florestas e as feiras de uma região favorável ao povoamento, achando daí a diminuição da fluvialidade e consequente prejuízo para a navegação. Não estará longe o dia em que tentemos evitar num esforço tremendo e com gastos astronômicos a morte do curso do São Francisco. Já se tem falado muito a esse respeito e enquanto houver o medo da aplicação de capitais em determinados empreendimentos continuaremos a ser o "eterno país do futuro".

Aspectos do pensamento brasileiro

ros ensaios e estudos de filosofia que ele redigiu sob a inspiração direta dos esquecidos representantes desse cientificismo monista e totalitário. Silvio Romero, seu admirador incondicional, reproduz em um livro sobre a Ilustração Brasileira, alguns trechos de Tobias Barreto escritos em alemão. O tom do referido trabalho é pesado, intrinsecamente desiludido de flexibilidade literária concluindo com uma citação acompanhada do ingenuo comentário: "Das ist Windesgeschwaen gesaght!". O balanço da obra de Tobias Barreto delixava um pequeno saldo a seu favor, pois faltava

vocamento, achando daí a diminuição da fluvialidade e consequente prejuízo para a navegação. Não estará longe o dia em que tentemos evitar num esforço tremendo e com gastos astronômicos a morte do curso do São Francisco. Já se tem falado muito a esse respeito e enquanto houver o medo da aplicação de capitais em determinados empreendimentos continuaremos a ser o "eterno país do futuro".

Na zona da mata do nordeste e na bacia fluminense o rio serviu, realmente, durante longos anos como único meio de transporte o que contribuiu para o ruizno dessas regiões. Atrazo porque essas estradas naturais não foram bem exploradas e cuidadas nunca foram ampliadas com a construção de canais de modo que o muito moderno jannius poderia chegar. Construíram-se as estradas de ferro. Com facilidade estas fizeram concorrência e em poucos anos venceram as companhias de navegação existentes. Todas as potentes obras de conservação dos rios foram abandonadas. As companhias inglesas, Leopoldina Railway e Great Western começaram então a abandonar os fretes de transporte, pois não havia a temer porque seus concorrentes tinham sido eliminados. Monopolizaram as comunicações e contribuíram enormemente para retardar a chegada do progresso a regiões que já estavam não muito longe a civilização vitoriosa que avançava.

Ora, se nossos rios corriam para o interior e não para o litoral, tanto melhor. A dificuldade está em construir estradas na orla atlântica e transportar a serra do Mar, implicitamente proibindo que fosse esculada. Transposta a serra do Mar, o litoral ficou esquecido, abandonaram-se os portos, exploraram o ouro que existia do outro lado e, terminada a mineração, o progresso estagnou. Esse foi o prejuízo dos cursos de água que corriam para o interior: os colonos, avidos de riqueza fingiram que exploravam a terra e por lá nada edificaram. Apenas destruíram.

Nossas cachoeiras são nossas elctmas e im-possíveis cachoeiras. Quantas delas foram aproveitadas? Falta-nos combustível e o aproveitamento da energia hidráulica torna-se impraticável. Fala-se muito em Paulo Afonso, mas parece que até hoje não se fez nenhum projeto de aproveitamento da queda digna de 70 metros de altura. As possibilidades de aproveitamento são enormes. Ah! nas possibilidades são

esses aspectos do pensamento brasileiro e irrepleto a marca da originalidade. Isto é, uma concepção própria de filosofia. Não observamos, entretanto, alguns traços que se transmitem às gerações seguintes como consuetudinária à genética nacional. O predomínio da páxia dogmática e do espírito ortodoxo na argumentação, o apelo frequente às autoridades da filosofia europeia como testemunhos decisivos em tudo isso perdurará no Brasil como uma espécie de herança inevitável da escola de Renascença.

Esses aspectos do pensamento brasileiro e irrepleto a marca da originalidade. Isto é, uma concepção própria de filosofia. Não observamos, entretanto, alguns traços que se transmitem às gerações seguintes como consuetudinária à genética nacional. O predomínio da páxia dogmática e do espírito ortodoxo na argumentação, o apelo frequente às autoridades da filosofia europeia como testemunhos decisivos em tudo isso perdurará no Brasil como uma espécie de herança inevitável da escola de Renascença.

Aspectos do pensamento brasileiro

esses aspectos do pensamento brasileiro e irrepleto a marca da originalidade. Isto é, uma concepção própria de filosofia. Não observamos, entretanto, alguns traços que se transmitem às gerações seguintes como consuetudinária à genética nacional. O predomínio da páxia dogmática e do espírito ortodoxo na argumentação, o apelo frequente às autoridades da filosofia europeia como testemunhos decisivos em tudo isso perdurará no Brasil como uma espécie de herança inevitável da escola de Renascença.

A língua nacional

PROFESSOR CLOVIS MONTEIRO

IV

As velhas nações da Europa tiveram de enfrentar, como nós, o problema da língua. Em cada país da Europa atual, antes de haver uma língua literária nacional, havia dialetos, cujas raízes estavam profundamente mergulhadas na alma do povo e se prendiam aos fundamentos mais antigos de sua civilização.

Na época de transição da idade média para os tempos modernos, os ideais de formação de uma consciência nacional impunham naturalmente a necessidade de se constituir uma língua que a todos servisse e fosse por todos aceita.

Sabe-se como foi discutido o assunto, através de longos anos, em nações das mais avançadas, como a França, a Alemanha, a Itália, e como variou de uma para outra, a solução encontrada. Ora triunfou, graças ao prestígio oficial do meio, o dialeto da cidade que se constituía a capital do país; ora, excepcionalmente, o dialeto que, transformado e polido artisticamente pelos seus cultores, logrou exceder os demais em brilho, elegância e riqueza de expressão.

No seu interessante estudo De vulgari eloquentia, escrito ainda em latim, opinou Dante, discernindo sobre os dialetos italianos, que a língua nacional do seu povo fosse constituída de elementos de todos eles. Isso não impediu, todavia, que se viesse a tornar fonte da língua literária de toda a Itália e mais tarde língua nacional e baromoso dialeto de Florença, que teve a sorte de possuir, no século XIV, além do seu gênio, o de Petrarca e o de Boccaccio.

Através dos três séculos de classicismo, estiveram as línguas literárias da Europa e da América completamente divorciadas do falar do povo. Vestígios de língua vulgar só raramente se encontram, e com intenções críticas, em diálogos de peças dramáticas de um Gil Vicente ou de um Molière.

Sómente quando se compreendeu que era condição vital da unidade política e social de um povo a unidade da língua, assim escrita como falada, foi que teve início a luta sistemática contra a diversidade de falares regionais, impondo-se, pelo ensino nas escolas, até entre as mais obscuras camadas sociais, a língua literária como padrão da língua nacional.

É esse o exemplo que nos apresenta a Europa culta. No Brasil, como nos demais países da América, é outro o caso. Foi transplantada para aqui a língua portuguesa quando já possuía rigorosa disciplina gramatical e duradouras tradições literárias, que haveriam de assegurar a sua fácil implantação, tal como aconteceu com o latim nas regiões conquistadas pelos romanos.

Aqui, antes de haver o português suplantado o tupi, cujo prestígio no uso geral lhe fora concedido pelos próprios colonos, já era cultivada entre eruditos e ensinado nas escolas aos filhos da terra. Para que se expandisse pelo território nacional, acompanhando os progressos da civilização, que aqui se fundava, pouca resistência teria de vencer, como demonstrai no meu livro Português da Europa e Português da América, da

parte dos dialetos indígenas, e muitíssimo menos ainda da parte dos falares africanos, que nunca lograram, sequer, a situação efêmera, que tiveram aqueles nos primeiros tempos da colonização portuguesa.

Os próprios autores portugueses, porém, esqueceram as condições em que se estabeleceu aqui a sua língua e como se tornou, ao mesmo tempo que a nossa língua literária, a nossa língua nacional, na aceção mais exata que possa ter a expressão.

Letice de Vasconcelos, ilustre filólogo português, em Esquise d'une Dialectologie Portugaise, considerou o português do Brasil como simples dialeto. A culpa disso, sem dúvida, cabe, em parte, aos autores brasileiros, que limitaram, muitas vezes, em osentiar mais as nossas particularidades de pronúncia e as contribuições indígenas e africanas ao nosso léxico do que a grande riqueza vocabular e a variedade de processos gramaticais com que a língua venacuada se encontra no uso quotidiano dos seus humildes representantes de nossa comunidade social.

Não será arrojado pensar-se que a língua popular do Brasil está mais próxima da língua literária comum às duas nações irmãs do que os próprios falares dialetais de Portugal, julgados este pelo que documentou aquele filólogo, em pesquisas feitas, durante muitos anos, em numerosas localidades portuguesas, e que ora se acham entalhados nos seus Opusculis.

Estudando a linguagem dos cantadores do Nordeste, através de textos coligidos e publicados, em 1922, pelo escritor cearense Leonorido Meira, tive ensejo de observar a segurança e facilidade com que o nosso homem do povo conserva e mantém o vocabulário da língua.

Sómente de verbos e substantivos ali encontramos perto de 1500 formas. Todas empregadas, rigorosamente, nas acepções que têm no uso literário. Isso quando não revelam antigo sabor clássico, como é o caso de areado, no sentido de estontado, desorientado, com que se acha nos sermões de Vieira e que nem o dicionário de Figueiredo registra. —

Vou fazê-lhe outra pergunta que você fica atrevido —

e de realengo, na aceção de desimpedido:

Do rio eu faço um acude
Fago uma ponte no mar
Deixo tudo realengo
Para quem quiser passar.

Entre os verbos apenas um se vê formado de radical tupi, encantar, e um de origem africana, banzar. Os nomes de procedência indígena não chegam a 150 e referem-se em geral à fauna e à flora da região ou a objetos a ela peculiares; os de procedência africana não passam de 15, e alguns são de uso mais geral no país, como batucar, mandungu, maloque.

(Continua na pag. seguinte)

Uma palavra sobre GÁS

Se ainda perdura a crise mundial de carvão, com a Europa produzindo muito menos do que precisa e os Estados Unidos lutando contra os efeitos das últimas grèves dos mineiros e das ameaças de novas grèves dos mesmos.

Foi por todos estes motivos que o illustre engenheiro Ruy Lima e Silva, diretor do Departamento Nacional de Iluminação e Gás, autorizou a publicação das sábias e bem fundadas razões contidas na entrevista que a seguir se transcreve em parte, relativamente à supressão do racionamento do gás:

"Por enquanto não é recomendável. É preciso economisar o carvão. Além disso, como se sabe, a grêve dos mineiros norte-americanos não foi resolvida definitivamente, podendo verificarem-se novas dificuldades que prejudiquem a exportação do carvão. De forma que, conclue, mais vale prevenir do que remediar".

SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

N. B. — A propósito, é oportuno lembrar que, entre os artigos de primeira necessidade, o gás é um dos poucos cujo preço se manteve estável, a despeito da guerra.

No trimestre Junho-agosto de 1913, o seu custo, por metro cubico, era de Cr\$ 0,850, e para janeiro de 1917, o preço fixado foi Cr\$ 0,501, o que representa um aumento irrisorio comparado aos que se verificaram em outros setores devido à guerra.

É de notar que não há quase recurso etimológico de que não tenham dispor esses Improvadores analfabéticos, cuja linguagem representa, com as naturais corrupções fonéticas e algumas premissas de Portugal a linguagem usual da gente inculca dos sertões nordestinos.

Acclando-se o termo dialeto na accepção hoje mais corrente, que é a que lhe attribui Skeat no seu estudo sobre English Dialects from the eight century to the present day, isto é, "variedade local de linguagem, que difere da lingua litteraria ou padrão", pode-se dizer que, no Brasil não há dialetos. Haveria, quando muito, tendencias para variações dialetais, que não chegam a deformar nem a fisionomia, nem a estrutura da lingua de que todos nos orgulhamos.

Quando tivemos podido fazer por toda parte a colheita do vocabulario de uso mais frequente do povo, talvez tenhamos a surpresa agradável de verificar que é muito menor do que se julga a copia de regionalismos que detorce cada Estado.

Abro, por exemplo, um dos vocabularios gaudiosos que tenho em mãos, o de Louque Calace, e noto que muitos dos vocabulos e expressões por elle relacionados são empregados no Ceará com o mesmo sentido em que são correntes no Rio Grande do Sul. É o caso, respectada a ordem alfabética, de bodega, botar, brabo, brucea, cubra, caceite, calombo, capão, carona, chanchalhos, chisgado, cumbu, embromação, embromador, embromar, emriba, empapar, estrupido, fuchicar e mutisismo outros.

Entre a lingua falada e a lingua escrita há, sem duvida, nem podia deixar de haver, diferenças no Brasil. Em nenhuma parte do mundo se escreve exatamente como se fala. E não se deixa de notar também que difficilmente se encontram duas pessoas que, falando ou escrevendo, usen da mesma maneira a mesma lingua, sem quaisquer diferenças de pronuncia, de vocabulario e de estilo. E isto não significa que a lingua esteja a mudar.

Ninguém ignora que não existe lingua modelada na mais disciplinada do que a franceza. No entanto, o uso que dela, popularmente se faz em Paris, françou a Henri Bauché elementos para organizar uma gramatica e um dictionario, que publicou em 1925.

Já vai longe o tempo em que se consideravam as linguas como organismos vivos, fadados a evoluer por si mesmos. Já se compreende hoje que a linguagem, por mais relacionada que esteja com as ciencias naturais, é um facto social. E vemos mais, através da historia dos povos de todos os tempos, que as linguas são produtos da civilização.

A fragmentação dialetoal de uma lingua é sempre sinal da quebra de unidade social e politica do povo que dela se serve. A decadência e rápida transformação do latim, em toda a area geográfica que occupava, para clar apenas a lingua mãe, estão assinaladas pela desintegração do império romano com a invasão dos bárbaros.

Aos brasileiros sempre defender o valioso patrimonio outorado por aquelles que fizeram esta grande patria. Aos Nubérgas e Antheletas devemos a nossa unidade religiosa. A intelligencia do nosso territorio foi desde muito cedo assegurada pelos braços unidos das tres raças que o povoavam. A nossa unidade politica já se acha con-

(Conclue na pág. 27)



És a romântica e decantada praia de Itacema no momento da saída da dancada procissão de São Pedro, padroeiro dos jangadeiros. O Brasil é assim.

POESIAS...

A DANÇA DAS CENTAURAS

FRANCISCA JULIA

Patas dianteiras no ar, bocas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
El-las, garbosas, vêm, na evolução das danças,
Rudes, pompeando à luz a brancura dos seios.

A noite cai, fulge o luar, gemem as franças...
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo sóto ao léu das outras mansas.

Empalidece o luar, a noite cá, madrugada...
A dança hípica pára e logo atoa o espaço
O galope infernal das Centauras em fuga.

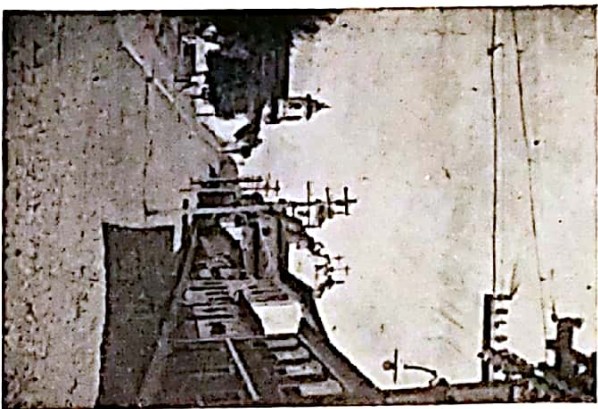
É que, longe, ao clarão do luar que empalidece,
Enorme, aceso o olhar, bravo, do heróico braço
Pendente a clava argiva, Hércules aparece!

ESTUDANTES!

A CASA MATTOS, amiga n.º 1 dos estudantes do Brasil, e a
NOSSA COSO.

Minas Gerais, ouro e tradição

ALDEMAR PEREIRA TORRES



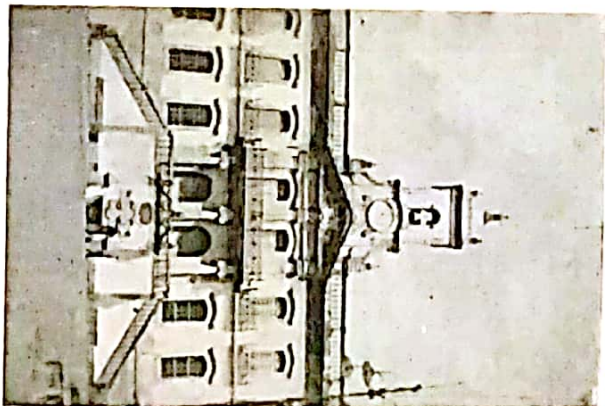
Rua de Mariana

doce vento. Só me foi possível apreciar bem a beleza das suas amplas e longas avenidas na manhã do dia seguinte quando, debruçada na janela do meu quarto no quinto andar, fiquei deveras empolgada com a grandiosidade e harmonia da sua beleza arquitetônica. Trata-se, como se sabe, de uma cidade inteiramente nova, pois começou a edificar-se em 1894, segundo um plano de construção previamente determinado e interessantíssimo pela regularidade de distribuição das suas ruas, praças e avenidas que formam, sempre quarteirões de mesmo tamanho. É uma cidade que tem pouco mais de meio século e no entanto já apresenta um notável desenvolvimento em quase todos os setores da atividade humana. Esta ligada a capital federal por linha férrea da E. F. Central do Brasil, da qual dista 605 km. Possui grandes e bonitas praças ligadas entre si por largas avenidas (Praça Sete de Setembro, Praça da Liberdade, Avenida Afonso Pena, Avenida Amazonas etc.), um lindo monumento à civilização mineira, e majestuosos edifícios e nas belíssimas e luxuosas lojas que conferem à cidade uma atmosfera de modernismo e progresso. Além disso, como uma demonstração de grande petricata e bom senso por parte de quem a projetou, há um lindo e agradável parque proporcionando lugares muito propícios ao recreio dos seus habitantes.

Mas mesmo fora da zona urbana vamos encontrar um lugar que constitui motivo de

ênlevo para quem quer que visite a capital mineira: é a Pampulha, com o seu bonito lago artificial, em cujas margens estão edificadas duas lindas praças em estilo moderno, o do Casino e o da Casa de Baile, sem falar no templo religioso todo ornamentado pela arte inconfundível de Portinari... Intelectualmente tivemos oportunidade de conhecer o interior desse templo, só pudemos ver-lo de longe e a impressão que me causou foi a de um daqueles exóticos e bizarros edifícios das histórias fantásticas de Flash Gordon, que constelulam o delírio da minha infância. Então, que fazer com esses indivíduos que, em busca de um motivo para se tornarem originais, resolvevam criar uma arte somente acessível aos seus privilegiados cérebros? Ao contemplar uma dessas obras do gênio futurista fluminense como si estivesse diante do inognoscível. Certa vez vi numa revista uma visita panorâmica do que seria o "Universo de Elnfeld", a quatro dimensões. Creio que Portinari já deve estar aí pela sexta dimensão.

Em Belo Horizonte tivemos oportunidade de fazer três interessantíssimas visitas. A primeira foi à Pedra de Amoras do Estado, onde pudemos apreciar nas suas diversas seções coisas curiosas que me fizeram refletir sobre a extraordinária riqueza que se acha contida em Minas Gerais; esta região do Brasil que é uma verdadeira dadia da Natureza ao povo brasileiro, intelectualmente só agora está dando a volta sendo aproveitada como deve. Vimos, entre outras coisas, uma pepita de ouro

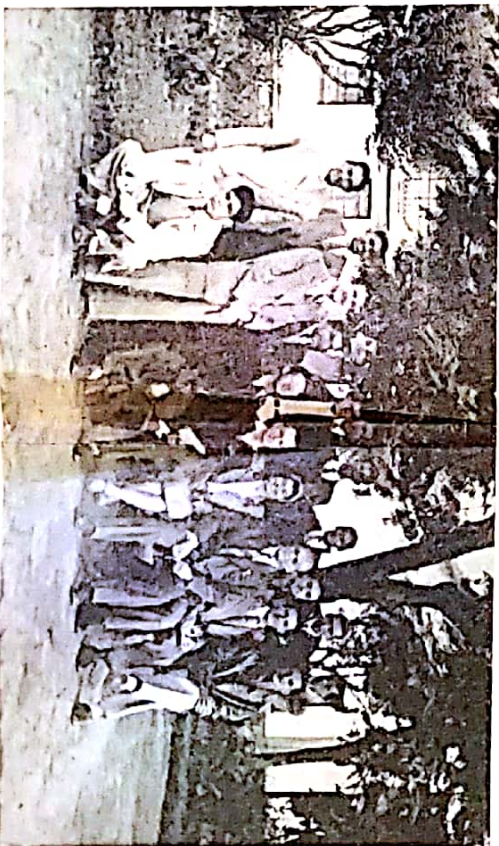


Ouro Preto, Museu da Inconfidência. (Na praça Fronteira ergue-se a estatua de Tiradentes, publicada na capa)

pesando nada mais nada menos de 502 gramas, uma verdadeira raridade; pedras preciosas, mirimores procedentes de Sete Lagoas e talvez uma das maravilhas do mundo moderno, o maior cristal de quartzo do mundo pesando 4.700 kg e encontrado em Teófilo Otoni. A propósito o Prof. Lathayette Rodrigues Pereira, nessa ocasião exarrou a sua opinião de que tal preciosidade devia ser trasladada para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A segunda visita a que nos referimos foi ao Instituto de Tecnologia, o primeiro de organização e administração. Poderemos dizer as suas seções (Físico-Química, Tecnologia, Mecânica, Espectrografia, Metalografia, Petrografia, Fotografia etc.), tendo recebido sempre uma atenciosa acolhida por parte de todos os que ali mourejam. Esta visita nos proporcionou uma visão imediata dos incalculáveis progressos da técnica científica moderna. Na secção de Tecnologia Mecânica, por exemplo, vimos em pleno funcionamento uma grande máquina, destinada a medir a resistência que têm os diversos materiais de construção (ferro, aço etc.) à força de tração. Na secção

(Continua na pág. 17)



Parte do grupo, em Mariana, com os profs. Lathayette R. Pereira e Vera Maria de Freitas

Por iniciativa do Gabinete de Orientação Educacional do Interior do Colegiado Pedro II, sob a direção do Prof. Calheiros Bonfim, realizou-se uma excursão às cidades mineiras de Belo Horizonte, Mariana e Ouro Preto, da qual participaram 21 alunos do curso colegial do Interior (2ª e 3ª séries) e mais os seguintes professores: Prof. Dr. Lathayette Rodrigues Pereira, Professora Vera Maria de Freitas.

Não é fácil sintetizar em poucas páginas as múltiplas e variadas impressões de uma excursão de sete dias através três cidades do Estado de Minas. Os diferentes aspectos de cada lugar nos sugerem uma multiplicação de idéias, algumas momentâneas e passageiras, outras duradouras e indeléveis; idéias estas que precisam ser postas em ordem e concetadas afim de se poder transmitir ao leitor, o mais fielmente possível, toda a gama das emoções que se experimentou no decorrer da viagem.

A primeira cidade visitada pela nossa caravana de 21 alunos foi Belo Horizonte, a linda e próspera capital do Estado. Ali chegamos às 24h 40m mais ou menos, numa hora de repouso e tranquilidade, e a encontramos dormindo calmamente sob um limpo céu de deslumbrante beleza, batida por um frio e

Meu professor de espanhol

Prof. LEONIDAS SORRINHO PORTO

Não sei se poderia descrever o meu mestre com outros olhos que não fossem os da imaginação. O tempo, como faz com as esculturas, deixou poucos traços nítidos, respaldando, porém, a figura, o exemplo e o simbolismo daquele homem.

Recordo-me, entretanto, de seu rosto fino, com um nariz curvo e aquilino, a barba e os bigodes negros, eressos e curvados. A fronte desenhava-se, enrugada, em uma linha leve e graciosa.

Ignoro se este retrato permitiria vê-lo em outros o que eu vejo, mas esses traços me devolvem do passado aquela personalidade linguística. Não foi apenas o meu professor de espanhol. Existiu-me tudo o que um corrigido mego descreve. Foi mestre de beleza e de verdade, de justiça e de equilíbrio. Não me entendo o ideal, a justiça e a verdade, mas sei que sou uma criança nos leva a viver bem a existência, a alma de não morrer — a alma imortal na voz dos séculos presentes e dos séculos futuros. Assim, quando a carne não existir, o espírito vivificará o homem. Quem guardar no coração a esperança da glória, seu renome o elevará através dos tempos.

Em um obstinado talvez. Todavia, quem o conheceu, ou que conhece a sua obra, há de lembrar-lo para sempre, como ele desajura.

Sel até que alguns o acham louco, mas mesmo assim não o esquecerem. Vive na memória desses loucos, se os faz rir, também obriga a chorar aqueles que lhe entederam a alma.

Outros, porém, personificaram nele o povo de sua terra. Ele o representava bem nos gestos nobres e decididos levando a nobreza e a declínio no ponto de fravar luta contra siptos erros e maldades. Representava-o no sentido de não se abater na desgraça e na infidelidade. Representava-o na luta contra o egoísmo, na força do ideal e na grandeza do coração.

Quero repetir nos meus alunos algumas das lições para a vida, que o meu mestre de espanhol me ensinou. Como o foram no passado, ainda podem ser o roteiro de muitas gerações.

Ele nos sonhava, no século em que vivemos, iguais nos caminhos da idade Média. O jovem deveria ser "casto em los pensamientos, honesto em las palabras, liberal en las obras, valiente en los hechos, sufrido en los trabajos, caritativo con los necesitados, y finalmente, mantenedor de la verdad, aunque le cueste la vida el defenderla".

Esta era a sua maneira de pensar e voltava a ela como os raios do sol no inverno europeu e iam cada dia, até chegar a hora, em que venha o gélido que cobre o solo e o fazem viver em flores e frutos.

ESTUDANTES!

Quando necessitarem adquirir livros escolares, procurem a

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

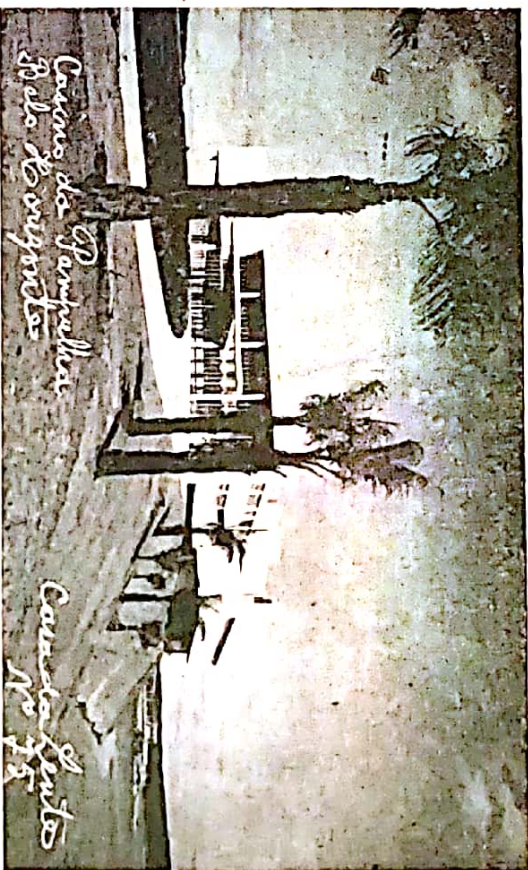
OUVIDOR, 94

(Conclua na pág. 20)

MINAS GERAIS...

de Metalografia vimos também como se pratica o exame microscópico dos metais, por meio do qual se chega a descobrir falhas em trilhos de estrada de ferro ou na constituição de vários minérios, evitando-se assim graves acidentes ou descobrindo-lhes a causa. O Instituto possui também um amplo e completo aparelhamento de raios X, com o qual é possível examinar chapas até com 12 cm de espessura. Na seção de Química Orgânica fomos informados de que os seus técnicos vinham, até aquela época, ocupando-se com o estudo do fruto da palmeira chamada macabuba ou

negar, ainda assim podemos perceber no seu íntimo uma voz que grita incessantemente: "Quand même!" Observei que nenhuma dos infernados dava mostras de desespêro, ao contrário dedicavam-se seriamente a várias atividades, enchendo as suas horas de lazer com os nobres prazeres do espírito. Estudam com entusiasmo por meio dos numerosos livros que possui a biblioteca e aplicam-se com grande devoção à música. Admirando a atividade intelectual daqueles jovens que leem pelo sistema de Braille, não pude deixar de, intimamente, render uma homenagem a esse grande francês que proporcionou aos seus compa-



mactaba (Acrocromia sclerocarpa), vulgarmente conhecido como "coco de canaró". Cumprida a finalidade como o referido Instituto acabou de receber dos E. U. A. um microscópio eletrônico que já deve estar instalado.

A terceira das três principais visitas que fizemos em Belo Horizonte foi talvez a que mais me empolgou, a que caiu mais fundo no meu espírito, envolvendo-me profundamente. Relho-me ao Instituto São Rafael para cegos desamparados, onde pude conhecer melhor a alma humana, essa parte do nosso ser que não se abate nunca. Guiados pelo seu diretor, uma simpática e amável pessoa, percorremos as suas diversas dependências, tratando conhecimento com uma legião de infelizes criaturas que vivem num mundo muito diferente de nós, num mundo no qual não há dia nem luz, mas apenas uma eterna noite sem estrelas e sem lua. Todavia, nessas criaturas o espírito sobrepõe todas as contingências materiais; quando a vida parece tudo lhes

nihilos de infatigável do mundo inteiro a ventura de poderem, com os dedos, entrar em contato com todas as grandes obras da inteligência humana. Depois de percorrer todo o estabelecimento, a nossa cartavana se deteve com um programa de música que nos ofereceram alguns infernados. Jamais esquecerei a voz melosa e plangente de uma menina e a maneira pela qual ela cantou o lindo "Pocima" de Fribich, as palavras fluíam docemente mas os seus olhos pareciam-me gritos de dor de uma alma infeliz. E o mais patético de tudo e que a letra da canção contém verdadeiramente uma verdadeira exaltação desse dom precioso que é a vista; começa dizendo: "Ven olhar é um poema sublime..." e termina tristemente assim: "sem teu olhar a vida não tem beleza...". Oh! palavras que para aquelas criaturas não têm significação alguma! Atentando no desassombro com que tais pas-

(Continua na pág. seguinte)

mentos enfrentam a vida que lhes é adversa, alheando sempre um imarcescível ideal de pertencimento e de utilidade, convencendo-me mais uma vez de que deve haver algo superior à fragilidade do corpo, algo mais duradouro que o efêmero ciclo da vida orgânica, fazendo que haja no lino de cada homem um eterno amanha, uma perene afirmação de vida... Esse fogo interno, essa chama que não se apaga nunca é o espírito humano, eterno, inconquistável, imperível. Podemos vislumbrá-lo na eterna luta do homem contra o Destino. Ohnemos o passado, recordemos Beethoven, esse gênio, esse titã, que, apesar de proscrito das alegrias da vida pela muralha intramontável da sua surdez, compôs música divina, música celestial para os homens. Bemaventurados aqueles que levam uma ferida na alma e um sorriso nos lábios!

Agora devemos assinalar as visitas que fez a nossa caravana ao Instituto de Educação e ao Ginásio Estadual. Nestes dois estabelecimentos tivemos uma calorosa recepção por parte dos alunos e dos dirigentes. As alunas do Instituto de Educação chegaram mesmo a improvisar um espetáculo de música e literatura no qual tivemos oportunidade de apreciar os seus dotes artísticos; nessa ocasião também se exibiram alguns colegas nossos, entre os quais Rodrigo Moura Lima, Alceu Correia e Renato, Carlos Alberto Cunha etc., revelando qualidades por nos até então ignoradas. No Ginásio Estadual deu-se a mesma coisa: alunos e professores reunidos nos prestaram uma efusiva homenagem que muito nos comoveu. Retribuí-la o nosso provecho mestre Prof. Lafayette Rodrigues Pereira Almeida delimitamos sobretudo com o magnífico orfêdo do Ginásio que é verdadeiramente notável e digno dos mais sinceros parabéns. Contudo que dos orfêdos escolares que já ouvimos esse fol um dos poucos que me empolgou. Essas manifestações de dedicação a música fizeram-me refletir mais uma vez sobre aquilo que sempre considerei uma lacuna lamentável no nosso sistema de ensino: o desinteresse pela educação artística dos jovens. Gostaria que esse meu protesto que ora faço com toda veemência, esse protesto que parte de quem já sofreu e deplora os efeitos do inexistente e incoerente programa de ensino que é imposto aos nossos estudantes, gostaria, repito, que esse protesto pudesse ser ouvido pelos homens que têm a seu cargo a educação da mocidade brasileira. Ignoro porque os nossos educadores não adotam a norma de incluir nos alunos dos cursos ginásiais e colegiais, justamente no período em que estão formando a sua mentalidade, o gosto pela música, essa arte que aponta a sensibilidade e embobre o coração. O que se tem feito até agora nesse sentido, isto é, no campo da arte, é ridículo e tristoso; tem consistido apenas em obrigar os estudan-

tes a cantar sempre e sempre as mesmas marchas patrióticas que já estão feitas de conhecer. Quanto à música propriamente dita, ensinam-se tão somente uns insipientes rudimentos de teoria musical que não chegam nunca a despertar no aluno o interesse pelas harmonias e belezas do mundo maravilhoso dos sons. O resultado é que as "aulas de música" constituem quase sempre motivo de desgosto para os alunos. Acho que deveria haver nos currículos secundários um curso de piano e violino pelo menos, facultativo e ministrado suavemente. Já empreendimento, e preciso que se diga, se seria compatível com um currículo que permitisse tais atividades extracurriculares sem nenhum detrimento para o aluno no estudo das outras disciplinas. Creio que só adviriam vantagens de tal iniciativa, pois o estudo da música e de outras artes, ou seja, o culto do Belo nas suas manifestações mais puras, aprimora os sentimentos e desperta ideais nobres.

Passaremos agora a focalizar outros aspectos da nossa viagem. Depois de Belo Horizonte fomos a Mariana e daí a Passagem e a Ouro Preto. O cenário mudou então completamente; pareceme ter dado um grande salto no tempo, e no espaço: saímos do século XX e penetramos no século XVIII. Em Ouro Preto, contrastando com as ruas e ruas e ruas e ruas de Belo Horizonte, vemos-se casinhas pequenas, baixas, desbotadas e anonimizadas pelas ladeiras. Há por toda parte um cheiro de antiguidade... Tem-se a impressão de que tudo está inatado há muito tempo. Há no ambiente qualquer coisa do passado que ainda vive, que ainda fala. Quando desembarcamos do automóvel na praça principal senti realmente a presença do passado ao contemplar o grande monumento erigido à memória de Afriandentes. No seu pedestal lê-se essa inscrição: "Aqui, em posse de Ipanema, esteve exposta a sua cabeça. Rápidas imagens passaram no meu cérebro; conspirações, perseguições, lutas... E ali estavam nos pilares do solo onde pisou um dos homens mais lindos e mais sábios do Brasil já leve e vindo as velhas paredes que assistiram à sua agonia. Foi com uma espécie de reverência interior que me retirei para visitar o Museu da Inconfidência." No Museu tivemos oportunidade de ver objetos de um valor histórico inestimável: material de que pertenceu à fôrça naval morreu o marul; a cadeira onde teve seu trágico fim o conjurado Claudio Manuel da Costa, túmulos de vários dos conspiradores, entre os quais o de Tomas Antônio Gonzaga, o cenotáfio de Afriandentes, o documento da sentença que o condenou etc. E ali também tivemos conhecimento, pela primeira vez, com Mestre Antônio Francisco de Aldeidinha, através de uma originalíssima e esquisita imagem de São Jor-

(Conclue na pág. 21)

CUTELARIA TIRADENTES
Especialidade em artigos elétricos e cutelaria em geral, com moderna oficina.
DONATO E FUCCI
PRAÇA TIRADENTES, 23



JAIRO DIAS DE CARVALHO

A CRUZ E SOUZA

DEPOIMENTO

Lendo os seus poemas de emoção secreta,
Sinto que a tua música me seduz:
O Cruz, o Cruz e Souza, genial poeta,
Só teu corpo era treva, a alma era luz!

Na inane dor que o verso não traduz,
Na vida de tristiza tão repêta,
Soube-te correr a tua Cruz,
Vieste, amando o Belo, qual esteta.

Odeio esses poetas pensativos
Que escrevem versos sem saber porquê;
Souham — com fôrças de ouro, já se vê,
Esses bardos tristonhos, sensíveis.

Das mais estêreis conenções cativos,
Tem de honrada um certo e falso quê;
Escrevem burros que ninguém lê,
Enfáticos, corretos, cansativos...

Emparedado, às vezes, te sentiste
E, emparedado, solitário, viste,
Porque sabias rir da própria Dor!

Pois o poeta verdadeiro, o poeta
Do Sonho e da Esperança, esse nasceu
Para cantar, tem alma de esteta.

Tornado sons o teu sofrer, vibravus;
Cantos, ritmos estranhas esculturas,
Da Loucura labes, lãhez do Amor!...

Abela impérios com seu verso novo,
Qual um clarão que ao longe alvoreceu,
Ele ilumina o coração do povo!

Castro Alves e o verso Alexandrino

Está certo, com os hemisférios articulados em neo e. Sem nenhuma presunção nacionalista podemos asseverar que os poetas brasileiros nada ficam a dever aos seus confrades lusos no que concerne a arte do verso; nem houve nunca nas duas pátrias um alexandrino que se comparasse a Olavo Bilac. Nosso orgulho, porém, não nos impedirá confessarmos honestamente que o maior condoreiro de nossa terra, o excelso cantor de **Vozes d'África** e **O navio negroiro**, o genial Castro Alves, só no fim da sua breve carreira llerida aprendeu a fazer alexandrinos. É Afrânio Peixoto quem declara: "Apesar do exemplo de Boccage e de Castilho, além-nar, ainda no Brasil, ao tempo de Castro Alves, não era corrente o hábito de alexandrino clássico, a francesa. Acusado de os fazer errados, respondeu o nosso poeta, certa ocasião, que assim procedia Espromceda: de lato, o alexandrino arcado ainda é da moda espanhola. Varela, Castro Alves, etc., misturavam uns e outros; na mesma composição; nesta poesia (**IA Bo-Vista**, pág. 135, 1.º tomo das **Obras completas**, 2.ª edição, 1942) existem de ambas as

modas. So com Machado de Assis, segundo de Mário de Alencar, com Teixeira de Melo, segundo Alencar de Oliveira, pedem-ninca aqui o alexandrino clássico." E, finalmente, a não ser que haja por aí algum manuscrito inédito que contradiga a opinião de Alberto de Oliveira, cabe a prioridade a José Alexandre Teixeira de Melo (mais um Alexandrino), que datou em 6 de agosto de 1858 a poesia número XIV do seu livro **Sombros e Sonhos**: pois Machado de Assis só em 1864 publicou as **Crêstidas**, seu primeiro livro de versos.

Seja-me lido fazer pelo menos uma restrição a essa nota explicativa do admissível e saudoso acadêmico. Folheio as **Obras poéticas** de Espromceda (Edición la más completa de cuantos hom visto la luz, Barcelona, 1891), e o verso mais comprido que encontro é o de inferior: consulte outros autores, como, por exemplo, D. Tomás de Iriarte, cujas fábulas primam pela variedade na versificação: vejo **pareados de treze y de doce sílabas** e **la francesa**, isto é, alexandrinos gravas e alexandrinos ajudos, emparelhados; vejo **alexandrinos de calce sílabas**, que são os "arcados de moda espanhola", a que se refere Afrânio. So não descobri a discrição associada de 12 e 13.

Acompanhamos o nosso poeta pela edição citada há pouco. Salvo alguma pequena equívoco, ai figuram legítimos alexandrinos de 12 e 13.

IN EXCELSIS

OSCAR PRZEWODOWSKI

A flor d'água cortta o barco a seu destino
O céu era sem mancha, o lago cristalino...

A mercenária tua, em meio sêdico
Correio cantante, enchia no hemisfério:

No barco, à noite, em meio, havia um rosto finto
De tez respandente à luz reluzando.

O mar de cabelo espuro pela fronte
Semeilhava o crepúsculo à orla do horizonte.

A brisa molmente em languidas quezimes
Sorte-lhe do labio arabescos perfumes

E a virgem, num sorriso angélico, ditino
Fecz a lira chorar os soluços de um hino...

Depois, pousando em mim, o seu olhar profundo,
Entredize-me em ternura, afastou-me do mundo!

E assim, a sós contigo, em conjugal êxito,
Tomou-me em seu regço, em seu virgínio seio:

Meu professor de Espanhol

— "Estuferece, estuferece, que el decumulto en
hos hortunio aboca la salud y nearra la muerte".
E dizta logo:

— "Las tristezas no se hicieron para las bestias,
sino para los hombres; pero si los hombres las
sienten demasiado, se vuelven bestias".
Recordo que nos fallou do amor e do casa-
mento:

— "Dos cosas solas inclinan a amar, más que
otras: que son la mucha hermosura y la buena
fama".
E enumerava-nos as prendas da mulher:

— "Hermosa sin tacha. Grave sin soberbia, amo-
rosa con honestad, agraciada por cortes, cor-
tés por bien criada".
Falando das riquezas, advertia-nos:

— "Al poseedor de las riquezas no le hace di-
choso el tenerlas, sino el gustarlas; y no el gas-
tarlas como quiera, sino el saberlas bien gastar".
De nada se esquecia o bom mestre:

— "Come poco y cená más poco, que la salud
de todo el cuerpo se frama en la oficina del es-
tomago. Se cumplido en el beber, considera-
do que el vino demustrado ni guarda secreto ni cum-
ple palabra. Sea moderado tu sueño, que el que
no madura con el sol no goza del día; y advierte
que la diligencia es madre de la buena ventura,
y la pereza, su contraria, jamás llevo al término
que pide un buen deseo".
E nos recomendava:

— "Se padre de las virtudes y padrastra de los
vicios. No seas siempre riguroso ni siempre blan-
do, y escoge el medio entre estos dos extremos,
que en esto está el punto de la discreción".

"Tu veis subir, escuta, á pliecer do sonho
Onda a vida é feliz e o céu sempre risonho!

Lá reina a fantasia em lindas plenas...
A dor, o pranto, o tédio, o raio de anjuras

All fãmais se vira... "E a pãlida donzela
Volvendo o termo olhar e a face melga e beia

Mostrou-me as fúneas e os sonhos e as quimeras
E o desprontar da aurora em rosas primavera...

Já lépido buléio e effluos multicores
Conduzem-nos a grãda adusta dos amores:

"Não tã, ela me disse, arder a rubra chama
Que acende o corçãdo e a mente de quem ama?"

"Oh sim! tu es a chama ardente que consume
Minha alma entrecida, o dis-me o teu nome!"

E a virgem, num sorriso, em tímida recusa:
"Eu sou... (desfê-se em drama) eu sou a tua musa!"

E durante toda sua existência procurei sem-
pre induzir em nossos alunos o amor à honra
e à liberdade.

— "La libertad es uno de los más preciosos dones
que a los hombres dieron los cielos; con ella no
pueden igualarse los escosos que encierra la tierra
ni el mar encubre; por la libertad, así como por
la honra se puede y debe aventurar la vida".

Treis, por certo, perguntar-me quem foi esse
mestre de espanhol que se tornou guia e orien-
tador de minha vida. E vos direi: alguém que
na realidade nunca existiu e que, apesar disso,
eternamente vive em muitos corçãdos; el inge-
noso hidãlo don Quijote de la Mancha.

NOTA — As citações feitas correspondem exa-
tamente aos seguintes capítulos da obra de Cer-
vantes:

| | |
|----------|----------------------|
| Quijote, | Par. II, Cap. XVIII |
| " | Par. II, Cap. XLIII |
| " | Par. II, Cap. XLVII |
| " | Par. II, Cap. XLVIII |
| " | Par. II, Cap. XLIX |
| " | Par. II, Cap. V |
| " | Par. II, Cap. VI |
| " | Par. II, Cap. VII |
| " | Par. II, Cap. VIII |
| " | Par. II, Cap. IX |
| " | Par. II, Cap. X |
| " | Par. II, Cap. XXXV |
| " | Par. II, Cap. XXXVII |
| " | Par. II, Cap. VI |
| " | Par. II, Cap. XLIII |
| " | Par. II, Cap. LI |
| " | Par. II, Cap. LVIII |

MINAS GERAIS...

ge, em cedro, de caladura impressionante e
altitude hostil, como complemento da estalua,
que é destinada a acompanhar as procissões
monhada a cavalo, existe o selim, no qual é
parafusado, as pernas são dotadas de char-
meiras que lhes comunicam o necessário movi-
mento. Para não perdermos o fio da meada
continuaremos a focalizar os demais trechos
de arte do imortal mestre. Foi na noite de
sexta-feira santa, depois de assistirmos ao
desfile de uma curiosa procissão, que visita-
mos a Terça de São Francisco de Assis, talvez
um dos maiores repertórios de obras do Alei-
jandino. Podemos apreciar o trabalho genial
das suas mãos mesmo antes de entrar, na ma-
gnífica portada em pedra-sabão (1). Na parte
central há um medalhão de N. S. da Concei-
ção entrelaçado de flores e querubins. Encli-
ma o conjunto uma coroa de rãmbia, da qual
se soltam duas faixas com inscrição. Sobre
todo este ornamento há um grande medalhão
de S. Francisco recebendo as chagas. No in-
terior podemos então apreciar os deslumbran-
tes pulpitos em pedra-sabão, cujos consolos
formados por volutas, querubins e flores im-
pressionam pela minúcia dos detalhes e pela
harmonia das linhas. Dizem os entendidos no
assunto que tais obras têm características do
estilo góthico. Na sacristia achava-se o magni-
fico lavabo também em pedra-sabão e execu-
tado, segundo parece, em 1777. Trata-se de
uma das mais belas pedras chatões do genial lo-
reuta, a sua base, formada por uma bacia tri-
partida, é enclimada por um frade franciscano
de olhos vendados que segura um pergaminho
aberto com os seguintes dizeres: em latim:
"Este é o caminho que leva ao céu as ovelhas".
Acima do frade há um arcimão do São Fran-
cisco de Assis. Todas essas figuras, situadas
dentro de um nicho ricamente ornamentado,
formam um conjunto muito gracioso.

E dizer que o gênio que nos fez essas
obras-primas de perfeição, de harmonia e de
pureza teve uma vida miserável e valerudinã-
ria! E que as deformações do corpo não con-
seguram emparar-lhe o espírito nem abater-
lhe o animo. Na leitura da Bíblia encontramos
inspiração para a sua arte e religião para
a sua alma. Essa intrepidez para enfrentar
todas as agruras da vida e ainda legar à hu-
manidade tesouros de beleza e, positivamente,
aprimado dos renhos, dos privilegiados. Assim
foi o Aleijadinho; por fora, quase um monstro,
por dentro, quase um deus...

Em Ouro Preto, o pessoal da nossa cara-
vãta entrou em contacto com os alunos da
Escola de Minas, que nos acolheram amilho-
samente, estabelecendo conosco uma franca
e espontânea camaradagem. Percorremos jun-
tos a cidade num caminheiro do exército. En-
lamente cediãdo pelo tenente Jorge Emanuel
Ferreira Barbosa. Com êtes visitas a Casa
dos Inconfidentes, casabre onde se reuniam
os conjurados, situado no alto de um monte.
Num terreno das proximidades existe ainda a
entrada do túnel onde se refugiavam os cons-
piradores, túnel este que atualmente está im-

penetrável pois houve um desabamento do
terreno a poucos metros da entrada.
Jamais se apagará da minha memória o
que vi naquela sexta-feira santa em Ouro Pre-
to, cidade de tradições, cidade que desmbrta
no presente pelas reliquias do passado. Lem-
bra-me-me sempre das imponentes e vistosas
letras com as suas brancas tôrtes erigidas
para o céu numa ânsia de enviar as alburas
às preces dos fiéis. Da música e impresso-
nante breza de uma longa e pomposa procês-
são desfilando lentamente, sob uma atmosfera
de profunda circunspecção, no som grave e
plangente da Marcha Funebre de Chopin.
Sente-se que naquele pedço do Brasil ainda
vive o espírito de gerações que há muito já se
foram...

So nos resta assinalar a visita feita à mina
de Ouro da Passagem. Ai, como nos demais
lugares, recebemos atenciosa acolhida por par-
te dos seus funcionários, notadamente do en-
genheiro Sr. Marcello Guimarães, que genti-
lmente se ofereceu para percorrer conosco to-
das as dependências da mina, mostrando-nos
pormenoradamente todas as fases da mine-
ração do ouro, desde a extração e fragmen-
tação do minério ate a obtenção do precioso me-
tal em estado de pureza. E escusado dizer que
tal visita foi extraordinariamente proveitosa
para nos estudantes.

Concluindo este despretencioso trabalho
não podemos deixar de dizer, em nome de
todos os membros da nossa caravana de estu-
dantes, uma palavra de agradecimento a to-
dos quantos, neste prospero estado de Minas
Gerais, nos acolheram com a sua proverbial
hospitalidade, ao Prof. Lafayette Rodrigues
Pepeira e a Professora Vera Maria de Freitas,
peço precioso auxilio que nos prestaram com
as suas idôneas preleções; e ao Prof. Cabrei-
ros Bonfim, pelo perfeito desempenho da sua
função de orientador educacional. Aos Srs.
diretores de collegios por nos visitados nos
Exmos. Srs. Prefeitos de Ouro Preto e Maria-
na e a todos quantos nos receberam cordal-
mente aqui val a expresso sincera da nossa
gratidão e da nossa simpatia.

(1) A pedra-sabão é uma variedade limpa
de talco que contém, além desse mineral, amilho,
mãna e clorita. É uma pedra untuosa ao tocar,
de coloração cinzenta, às vezes com formulações
corrida tornada e esculpida, dureza 2, na escala
de Moos.

"A Democracia so existia — disse Bertrand
Russell — quando os instruidos governaram os
Instituições". O Brasil não é de modo algum, uma
Democracia. Mas precisa e tem de ser aliada,
para isso se constitui a vila de nossa extração,
E Loureiro Filho, com o apoio da mocidade, está
dirigindo o movimento de Redenção nacional —
que é a educação do povo.
Corria o derrotaço — mocidade do século
da educação — apontamos as armas da inteli-
gência, numa demonstração brilhante de confian-
ça nos destinos de nossa Pátria.

FELIX ARVERS

III

S O N N E T

(Acompanhado de um comentário do professor Hilda Reis).

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère,
Un amour éternel en un moment conçu:
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

★

Hélas ! j'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtés et toujours (1) solitaire; (2)
et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
n'osant rien demander, et n'ayant rien reçu.

★

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite bonne et tendre,
Elle ira son chemin, distrait, et sans entendre,
ce murmure d'amour élevé sur ses pas;

★

à l'austère devoir pieusement fidèle
elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle,
"quelle est donc cette femme ?" et ne comprendra pas.

Cópia estralada do "fac-simile" do original, es-
tampado na revista "Illustration", de 11 de abril
de 1931.

★

Resposta ao soneto de F. Arvers, publicada no
"Figaro" de 5-10-46, de autoria de Louis Aragon:

Ami, pourquoi nous dire, avec tant de mystère,
Que l'amour éternel en votre âme conçu
Est un mal sans espoir, un secret qu'il faut taire,
Et comment supposer qu'Elle n'en ait rien su ?

★

Non, vous ne pouviez point passer inaperçu,
Et vous n'auriez pas dû vous croire solitaire,
Par fois les plus aimés font leur temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

★

Pourtant Dieu mit en nous un cœur sensible et tendre,
Fontes, dans le chemin, nous trouvons doux d'entendre
Le murmure d'amour élevé sur nos pas.

★

Celle qui vent rester à son devoir fidèle,
S'est émue en lisant vos vers tout remplis d'elle,
Elle avait bien compris... mais ne le disant pas.

(Conclusão ao lido)

C O L M E I A

Privação de saída

JURANDY DIQUE CESAR

Liberdade... um dos maiores sentimentos que moram no peito humano. Privar a criatura hu-
mana das suas liberdades é fazê-la sentir um
sofrimento moral incompreensível. Quem já sen-
tiu sua falta, sabe como a angústia dá no na
garantia humana.

A privação-de-saída é um castigo moral. Este
castigo será tanto mais sentido, quanto mais a
pessoa castigada prezar a sua liberdade. E' per-
der muito, porque pela liberdade morreu Jesus
Christo, Tiradentes, e nós, também, devemos mor-
rer, se for preciso.

Sem dias ausentes do convívio familiar des-
gastam os ânimos com os ardores d'ardores. Esses
ardores nascem no estudo, que deve ser um es-
forço, porque é um trabalho de natureza inte-
lectual.

No estudo o aluno exercita o seu intelecto
para a aquisição de conhecimentos. O intema-
mento e sua consequente adaptação aos condi-
ções do Colégio Impõem o afastamento da con-
vivência familiar. E o aluno, quanto mais pre-
zar o convívio com os seus, tanto mais sentirá
esse afastamento.

O estudante internado, que se esforça du-
rante a semana no cumprimento dos seus deveres
para com os professores e para com a disciplina,
quando chega ao fim da semana, sente no seu
espírito a necessidade de um repouso para as
suas faculdades mentais e um confortador alento
que repare as suas energias gastas no estudo.
E a privação-de-saída tira-lhe todas as chances
de prazer social e repositivo familiar. Perde, assim,
todas as oportunidades de conforto espiritual e
deixa de satisfazer aos compromissos sociais, que
venha a possuir nos dias de folga. As suas liber-
dades são reduzidas até ao silêncio, e seu con-
teúdo perante o corpo de Inspeção do Colégio de-
crece marcadamente. O seu fôlego, equívale
a uma mancha no seu procedimento que jamais
podem ser destruído.

O registro disciplinar das manus procedimen-
tos e das penalidades aplicadas é um cadastro de

Poemas Universais

O "Soneto" de Felix Arvers tem sua histó-
ria, e bem interessante.

Felix Arvers, um dos frequentadores do cé-
lebre salão "de l'Arsenal", de Charles Nodier,
ter-se-ia apaixonado por sua filha, a graciosa
Marie Nodier.

Quando sua paixão, viu-a casar-se, em 1831,
com Mendessier, homem de honras do tempo,
Nesse mesmo ano, segundo se supõe, deixou
escapar a terra contida, escrevendo-a no pró-
prio álbum da jovem senhora, por ocasião de uma
de suas rápidas aparições no salão do pai.

Naturalmente, a ammosa e discreta declara-
ção de amor não passou despercebida aos fre-
quentadores "de l'Arsenal", que a comemoran,
atribuindo ora a Marie Nodier ora a Mme. Victor
Hugo a culpa de ter causado a Arvers "le mal
sans espoir".

Passaram-se os anos e a fama do Soneto fi-
cou; e com ela a certeza de que sua verdadeira
inspiradora fora Marie.
Em 1896, 65 anos após a confissão do poeta,

Abril - Setembro, 1947

Informações que corresponderia, na sociedade, ao
fichamento policial dos indivíduos. Poderá depor
contra a pessoa do aluno em futuras Informa-
ções de conduta que venha necessitar. Sem falar
nos passados perdidos, nos divertimentos perdidos,
nas distrações que o aluno privado perde, além
da sua ausência que é sentida pelos seus paren-
tes e amigos, tudo isso são prejuízos que uma
privação-de-saída acarreta. As vezes, saudades e
angústias se produzem no coração dos seus pa-
rentes e amigos.

O aluno que sente a privação-de-saída, não
como uma injustiça, quando assim ela não é
(e ele também achte que não), a esse aluno eu
louvo, porque sentir o castigo produz no seu co-
ração um arrependimento pelo que fez de mal,
levando-o a endireitar-se. Aqui reside a ciência
do castigo. Já o dissera alguém: "A juventude
é como a cera onde se amalgama o futuro da Pa-
tria". Aqui o arrependimento é a força que amal-
gama o seu caráter de cera.

Quando o aluno acha que a privação é uma
injustiça, não o sendo em verdade, para esse
aluno a privação-de-saída produz revolta no seu
espírito, não se conformando ele, internamente,
com o castigo recebido. Assim, vem a ser nova-
mente castigado.

Cóisa interessante é a seguinte: — Como pro-
cede o aluno quando a privação é injusta? — Co-
mumente, assim: — O bom aluno, de um modo
geral, não sofre essas injustiças, simplesmente
porque não é castigado (Se fosse, provavelmente
ficaria inconsolável — e com razão) ; o mau alu-
no, que, por trazer a consciência sempre culpada,
não levanta questão (mesmo, às vezes, tendo ra-
zão), sofre, sem o saber, penalidades injustas.
Porque procede mal, ele tem a consciência cala-
jada pela culpa. E isso lhe turva a dignidade
que suscitava no homem o senso de justiça.

Agora creio que o bom senso só poderá es-
colher uma resposta para a pergunta: — Que
preferências tu: a saída ou a privação? — Que
o teu procedimento responda.

Poemas Universais

quando já não viviam as personagens do deli-
cioso episódio, apareceu no "Figaro", de 5 de
outubro uma resposta ao "Sonnet d'Arvers".
Seu autor, Louis Aragon, falando pela inspi-
radora, emprega-lhe palavras de melancolia e dis-
credo, de que muito havia de ofuscar-se a bre-
jeira Marie Nodier... se ainda vivesse.

E como elas confortariam o pobre poeta, como
o compensariam de sua renúncia, se realmente
viessem "de la femme à l'austère devoir pieuse-
ment fidèle".

Outras respostas surgiram depois desta pri-
meira, algumas do mesmo Aragon e uma outra de-
vida a Maurice Donnay, o que, provavelmente,
não ha-de ter contribuído pouco para aumentar
a fama de um Soneto, já fadado a celestiar-se
pelo encanto e originalidade que lhe cercam a
origem.

(1) em outra versão encontramos: pourtant
em vez de toujours. Versão (2) sic.
(3) em outra versão: douce em vez de bonne.

DESFILE DA JOVENTUDE

O Inemal do Colégio Pedro II conquistou a primeira colocação. Viagens de estudos e livros foram os prêmios do concurso.

O encerramento de "Desfile da Juventude", programa do Departamento Rádio-educativo da Morynkh Veiga, organizado e dirigido pelo professor Benjamin do Lago, constituiu significativa vitória para o Instituto do Colégio Pedro II.

Realmente, o colégio padroão do ensino secundário no Brasil, fazendo-se representar no referido certame, com uma equipe de apenas seis alunos do Internato e conteúdo com os mais destacados representantes de colégios da Capital Federal (cerca de 35 colégios), obteve, ainda assim, a primeira colocação, o que motivou as mais elogiosas referências do Prof. Clóvis Monteiro e da imprensa carioca.

A nossa equipe estava assim constituída:

Ray Monteiro Ciardini, aluno representante do Colégio.

Aldemar Pereira Tôres e Leodegário Azevedo, concorrendo na categoria de teses "Deveres do homem".

Jairo Dias de Carvalho e Edson Rodrigues, escrevendo sobre a "Política de boavizinhança".

Tarciso Barros e Paulo Azêdo Moreira, analisando o "Desenvolvimento econômico do Brasil".

Todas essas teses foram aprovadas e classificadas dentro dos primeiros lugares. Alcançamos uma primeira classificação.

Castro Alves e o verso Alexandrino

xandrinos, mas quase sempre, de envoltura com âêes, muitas vezes de 13 sílabas, e até uns poucos de 14, que principiavam a rearr em outubro de 1870 e desapareceram pouco depois.

Quem teria concorrido a dizer ou indiciar para esse progresso? Creio que foi Pedro Luis Pereira de Sousa. Como? Impressionado poderosamente pela célebre **Terribilis Dec.** Castro Alves imaginou a sua não menos célebre antítese e ao escrevê-la, imitou no processo e na ondulação rítmicas o poema do vitoriano precursor do hujonismo no Brasil. Embora o modelo não fosse estremo, serviu para lhe melhorar a técnica: a **Deusa Incrumenta**

cação, duas segundas classificações, terceiro, quarto e quinto lugar, o que nos valeu uma grande superioridade sobre equipes mais numerosas.

"Desfile da Juventude" constituiu magnífico "vesti" para nossa mocidade e uma esplêndida lição de idealismo.

Vimos, nos diversos setores artísticos e intelectuais em que se dividia o programa, surgirem jovens de inteligência e talento, como essa encantadora Nicia de Carvalho Mariani, ou como o nosso dinâmico e catelrino Leodegário.

Foi nas tentativas que pontilharam as audições do programa, transformadas, desde início, em verdadeiras festas cívicas, que o arrojado idealismo de Benjamin do Lago criou, com o aplauso e assistência particular do maestro Florêncio de Alameda Lima e do professor Augusto Monteiro, essa impressionante Sociedade Brasileira de Educação Extra-Escolar, agora com sede e em pleno desenvolvimento. Foi aí também que tiveram origem algumas das mais sugestivas campanhas da L. E. F.

Hoje, as teses premiadas acham-se reunidas em livro. Os candidatos vitoriosos já receberam os prêmios que tão brilhantemente conquistaram.

Mas a mocidade inquietada que fez "Desfile da Juventude" não desceca. E com ou sem auxílio ela prossegue, lutando por seu programa de moralização e principalmente de valorização do homem brasileiro.

Se seus esforços são profícuos, o futuro dirá.

(14-10-1870), com 14 sexíllabas, traz apenas dois versos delituosos, e **Cáso e branza** (15-6-1871), talvez o canto do clime, apresenta-nos com 20 alexandrinos sonoros, quase impetáveis.

A Musa tem seus caprichos. Nem sempre um poeta menor é inútil a um poeta maior. O entusiasmo belicoso pode inspirar exaltação pacífica:

Salve, da guerra deusa, arcano da barba,
[Talha /
Pedro Luis.]

Salve, Deusa Incrumenta / Menusa Divindade!
Castro Alves.

CARTA FRATERNA

Solicitamos, certa vez, ao Prof. Newton G. de Barros, Presidente da L. E. F., um artigo para nossa revista. O ilustre mestre atendeu-nos, e damos publicação a carta que nos enviou, e que representa, pela força das ideias e utilidade dos conselhos, um estímulo para nós, e para todos os irmãos de nosso país.

Distinguidos Diretores da "Colmeia":

Vocês vão arrependem-se do convite que me fizeram. Não sabemos escrever...

Selecionarei, por certo, como bons exemplos, algum mineral útil no meio da fanha impura!

Vocês já repararam a linguagem, a falta de calma, o desassossego das almas juvenis?

Já se disse que os jovens no Brasil querem ser "homens" cedo demais. Quando "homens" mesmo, já estão excitados, desgastados...

Difícil encontrar almas jovens em corpos urliantados. Não se observa mais aquele fato curioso: a espada desgastar a bainha. As almas enverhecem com os corpos, quando não envelhecem os corpos...

E o materialismo, meus amigos. Não o materialismo filosófico ou o materialismo clandestino. Mas a falta de fé na eternidade... A falta de confiança até mesmo na própria eternidade da matéria! O ceticismo é a ferrugem que corrói o aço das almas juvenis!

— Estudai por que?

— Investigar para que?

São perguntas tristes de almas tristes.

Um grande amigo ouviu isto de um jovem: — "Estudar, qual nada. Meu pai é analista e está cheio de grãis".

Frases de um distista! Concelho de um jovem que se dizia espiritualista!

Nós não queremos crer, porém, numa epidemia assim. Ainda há muitos jovens que sabem que são capazes de amarrar, nas feridas de julho ou de dezembro, convocar outros jovens para fazerem a ligação ferroviária norte-sul com a pua-janta do próprio idealismo!

Em jovens assim é que nos, os velhos, ou memos jovens, apoiamos o binóculo para olharmos o futuro da querida Pátria!

Afirmamos a vocês e aos leitores de "Colmeia" que, em o nosso sear de tribulais religiosos e nas cartas de lefasias, temos bebido muita água pura e refrigerante para as decepções mais amargas.

Há quatro virtudes, porém, indispensáveis para que os idealistas não se desviem da caminhada respeito, persistência, fé e seriedade!

Respeitar as convicções alheias, meus amigos e virtude difícil de conservar. "Não concordar com uma só palavra do que dizem mas dar tudo pelo direito de dizerem-nas", é uma das mais belas virtudes.

Lembro-me sempre de Gammahl, um larsen do Sinedrio de Jerusalém que diz quando vão julgar Pedro e João:

— "Não vos metais com êses homens, mas deixai-os; porque se esta obra for dos homens se deslata; mas se é de Deus não poderis deslata-la; para que não sejais achado peijando com um Deus".

Respeito por tudo e por todos. Respeito pelos pais, pelos velhos, pelos velhos, pelos amigos, pelos irmãos, pelos futuros, pelos neologismos, pela alegria, pela dor.

A persistência é a segunda, uma das virtudes mais raras hoje em dia. Goethe chama-nos significativamente a atenção para a aranha que lanca dezetas de vezes a sua tela até firmá-la, para a construção do seu lar e a conquista do seu país.

Todos os sábios do passado, nos dito lições de persistência. Repetir dezetas de anos a mesma experiência para salvar em um dia, remota e incerta, a pobre humanidade! Todas as grandes descobertas científicas são filhas da persistência. Da persistência é filho o Monses de Miguel Angelo e todas as obras primas das artes.

A fé e a erna gênia da persistência. Não se precise sem a fé. Fé e antes confiança nas próprias ceterias. E cret mesmo na pior por saber que sempre pode realizar-se alguma coisa de útil.

Ter confiança e querer. E querer é iniciar. Os psicólogos sabem que primar em alguma realização útil já e produzir um movimento inicial no sentido desse objetivo.

E, comu, meus amigos, confundir mandado e seriedade com pieguismo, timidez ou covardia. Enveredando, mansidão e prudência e segurança e coragem. Vocês já contemplaram a figura do Cristo. Deus ou homem, filósofo ou aventureiro, como o queriam interpretar? E, mansidão em tudo. Vocês já penetraram com olhos de ver na figura de Tiradentes em qualqier atitude? E, a mansidão, e a seriedade.

Outros modelos poderíamos reviver aqui. Bastado êses máximas, porém.

Em resumo, meus distinguidos amigos, dissemos isto: há um ceticismo, uma descrença por aí em forma. Mas há jovens como vocês que realizam os seus ideais e vivem por êses ideais. E, à noite podem dizer em sua consciência, cidadã da minha saúde física, estudai, não cometi atos inmorais e fiz alguma coisa pela felicidade do meu próximo.

São êses jovens que construíram um Brasil melhor para uma humanidade cheia de paz e de alegria.

Do companheiro de L. E. F.
NEWTON G. DE BARROS

UMA CASA PARA
OS ESTUDANTES!

Zumbidos e Ferroadas

Dirigido de A. BELHIDO.
Ilustração de LUZ FERREIRA.

Liberalmente modificada, aparece esta secção no presente número de "Colmeia". Vamos apresentar, além das habituais e interclassistas "plaidários", fatos e curiosidades de interesse geral.

★

ARQUIVO PITORESCO

1. Gregório de Matos era um repentinista surpreendente.

Certa vez, mandou uns doces, a uma família sua conhecida, numa bandeja de prata. Como era costume, a bandeja ficou para, depois, voltar com outro presente em retratinho. Mas, como demorasse, o poeta não gostou e, encontrando-se com uma pessoa da dita família, foi dizendo, enquanto lhe apertava a mão:

As almas do outro mundo
Dizem que vão e não vêm,
E a minha bandeja
Será alma também?

2. Quando foi assinado o Tratado de Tordesillas, em 7 de junho de 1494, dividindo o mundo entre Espanha e Portugal, Francisco I, rei de França, espírito crítico e mordaz, comentou maliciosamente:

— Só aceitarei esse Tratado, quando me mostrarem o vestimanto de Adão, dividido a terra entre Portugal e Espanha....

3. Madame Stael, a grande escritora francesa autora de *Certeira* e *De l'Allemagne* não tinha um semblante formoso; em compensação, tinha um

Colégio Dois de Dezembro

SOB INSPEÇÃO PERMANENTE
CURSOS: Colegial, Ginasial, Admissão e Primário.

★

Rua Lucídio Lago, 427 - Meyer
— Tel. 29-2256 —

Sede própria, especialmente construída para esse fim.

EXTERMINATO MXXTO, EM DOIS TURNOS

★

Dirigido dos professores
Ernesto Paiva, Marreca e
Aldimir de São Paulo,
do Colégio Pedro II.
Dr. Adialme Garcia,
da Saúde Pública.

colo soberto. Porisso decolava-se escandalosamente. E dizia:

— Cada qual mostra o rosto onde o tem.

4. Epitáfio.

Quando ele arduo sua alma,
Quem estava perto, se quis
Levar nos olhos o tempo,
Levou o tempo ao nariz

(Considância Alves)

★

O INTERNATO E' ASSIM

A "agressão"

No concurso em que obteve, brilhantemente a cadeira de História, o conhecido professor Oscar Prewodosky, havia-se levantado e escrito no quadro uma frase em grego.

O Prof. Pedro do Couto, que fazia parte da banca examinadora, não se conteve e exclamou:

— Dr. Prewodosky, V. Ex., com esta frase, está nos agradando!

★

Diálogos possíveis:

Léo: — Vocês ouviram o meu discurso, ontem a noite?

Todos:

— Não, dormimos.

Foto-Cópia "Maita Terera"

EXECUTAM-SE COM PERFEIÇÃO
E RAPIDEZ:

Fotografias — Para formaturas, casamentos, batizados, bailes, Missas em Ação de Graça, cartelas de identidade, coleções, estrangeiros, etc.

Fotostáticas — De Certidões de nascimento, certificação, cartelas, desenhos, mapas e de qualquer documentos.

Cópias — Datilografadas, mimeografadas e

hidrográficas

AMPLIAÇÕES: De Fotografias e Filmes

Atende-se e Entrega-se a Domicílio

Rua Leandro Martins, 69 - 1. andar

Telefone 43-7923

(Atrás do Colégio Pedro II — Rio de Janeiro)

PREÇOS MÓDICOS

Zumbidos e Ferroadas

GALERIA DAS VITIMAS

Sylvio Culthermol é uma criatura adorável. Imaginem que outro dia, encontrando ele uma dessas jovens que, apesar de sanaristovenes, são encantadoras, esticou à frente da moça e abriu a boca num sorriso sinistro que ia da orelha direita à orelha socialista esquerda.

— O Sr. me conhece? — perguntou a pobrezinha, visivelmente atemorizada.

— Não, senhorita. Isto é apenas um galanteio....

★

Pinda "monótona crescente" — em que o Ledegrato acha muita graça.

O Dr. Haroldo Lisboa terminara de definir o que eram supresses contínuas, sem que o "irresistível" Tarício percebesse imediatamente do que se tratava.

— Bem — disse o mestre — aí é que você precisa ser mais contíguo às sucessões....

★

PARADOXO

Dizem que o Jairo, conseguindo uma correspondente no Uruguai, apressou-se em escrever-lhe longas cartas em castelhano. Mas, por um desses paradoxos que ninguém sabe explicar, a jovem respondeu-lhe:

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Grangas à gentileza de nossos correspondentes, temos recebido as seguintes publicações:

Vanguarda Socialista — um jornal a serviço do Socialismo

Odonologia Universitária — Revista do Directorio Academico da Faculdade Nacional de Odontologia.

Gente Nova — uma revista eminentemente estudiantil.

Arte e Instrução — magnífica publicação do Colégio Arte e Instrução.

Ciências e Letras — jornal dos nossos colegas do Externato.

Alomo — jornal do colégio Jurruena, pertencente ao Grêmio Eutico de Matos.

Tribuna Acadêmica — publicação da Faculdade Nacional de Medicina.

Correio da Lavoura — jornal do Município de Iguaçu.

A Bomba — pasquim clandestino.

— "Es melhor que escrita na outra carta misso em português".

★

IMERSÃO HOMOGÊNEA

Prof. Curvello:

— Sujaram a ocular de óleo de cedro.

Darcy: — Foi o Marrelo que queria observar com o olho em Inersão homogênea....

★

Acusado de ser simpátrico do comunismo, "seu" Cornélio, velho funcionário da casa, se saltou com esta:

— Qual! Eu nunca fui comunista e até me orgulho de ser cristiano.

★

O famigerado Paulista foi procurado pelo pai de um aluno que lhe disse, na bochecha:

— Pois é, o mundo fica al estuando. E se não der pra nada, mais tarde, vai lecionar também, como o senhor.

★

A esperança do redator é que um dia vocês se distraem e acabam rindo.

Língua Nacional

quisada e estabelecida. E aos que implantaram entre nós a Fé que nos guia e nos conforta; aos que desvendaram ou prepararam as bases das nossas riquezas, desbravando florestas ou trabalhando penosamente a terra fértil; aos que nos deram, pelo exemplo de coragem e de civismo, as complexas reservas morais que nos animam a olhar confiantes para o futuro; aos que nos concederam a paz social e a tranquilidade de espírito; a todos quantos, enfim, concorreram para que tivéssemos o Brasil que temos hoje, devemos ser fiéis, no próprio interesse nacional, defendendo o que nos ligaram.

A unidade da língua é, sem dúvida, fator de unidade nacional. Cultivar a língua, pois, mantendo a sua disciplina e a sua pureza, é servir a nacionalidade como filhos patriotas. Crescem as pátrias com que se discute o nome da língua nacional. Ela é e deve continuar a ser a língua das boas tradições clássicas, o que representa, sem dúvida, uma das maiores conquistas da nossa civilização.

Distinção...

NA SOCIEDADE
E NO PRÓPRIO
LAR, A DISTINÇÃO
E O ASSEIO DOS
MOVEIS, NECES-
SITAM DE CUI-
DADOS ES-
PECIAIS...

**MANTENHA A LIM-
PEZA E VIDA DOS
SEUS MOVEIS COM
O ÓLEO DE PEROBA**

